



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

LAYLA DE ALBUQUERQUE BORGES

DIAGNÓSTICOS NA ESCOLARIZAÇÃO: uma leitura psicanalítica de discursos  
sobre os adolescentes

Maceió  
2021

LAYLA DE ALBUQUERQUE BORGES

DIAGNÓSTICOS NA ESCOLARIZAÇÃO: uma leitura psicanalítica de discursos  
sobre os adolescentes

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Saúde, clínica e práticas psicológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti.

Maceió

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL INSTITUTO  
DE PSICOLOGIA - IP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – PPGP

## TERMO DE APROVAÇÃO

**LAYLA DE ALBUQUERQUE BORGES**

**Título do Trabalho: “DIAGNÓSTICOS NA ESCOLARIZAÇÃO: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DE DISCURSOS SOBRE OS ADOLESCENTES”.**

**Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte bancaexaminadora:**

Orientadora:

*Susane V. Zanotti*

---

Profa. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti

(PPGP/UFAL)

Examinadora

*Maria Angélica Augusto de Mello Pissetta*

---

Profa. Dra. Maria Angélica Augusto de Mello Pissetta (PPGP/UFAL)

*Charles*  
2021  
Prof. Dr. Charles Elias Lang  
CNPq 302208  
B.A.P.C. 1316411

---

Prof. Dr. Charles Elias Lang (PPGP/UFAL)

Maceió-AL, 16 de julho de 2021.

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**▲ Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária Responsável: Cláudio César Temóteo Galvino – CRB4/1459

B732d    Borges, Layla de Albuquerque.  
          Diagnósticos na escolarização: uma leitura psicanalítica de discursos  
          sobre os adolescentes / Layla de Albuquerque Borges. – 2021.  
          90 f.: il.

          Orientador: Susane Vasconcelos Zanotti.  
          Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de  
          Alagoas. Instituto de Psicologia. Maceió, 2021.

          Bibliografia: f. 82-88.  
          Anexo: f. 89-90

          1. Diagnóstico. 2. Adolescência. 3. Psicanálise. 4. Educação. 5. Quatro  
          Discursos. I. Título.

CDU: 159.922.8

## AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres da minha vida, minha mãe Cacilda, minha irmã Yanna e minha avó Gilda, pela presença constante, afetuosa e inspiradora. Elas foram fundamentais nos momentos de impasse, angústia, dúvidas, mas principalmente nos momentos alegres de conquistas e celebrações.

Aos queridos tios Paulo e Daniela pela constante torcida, aposta e suporte nos momentos importantes de minha vida profissional, me presenteando com um belo exemplo do que organização, trabalho e respeito ao tempo podem fazer para compor um percurso de boas realizações.

Ao meu pai e aos meus avós, Maria e Genildo, por transmitirem a importância da educação para a vida, o que se tornou para mim uma espécie de convite ao trabalho no campo escolar e educacional.

À professora doutora Susane Zanotti pela dedicação, profissionalismo, empenho e cuidado em todo o percurso de estudo. Respeitando o lugar do meu desejo na pesquisa, fazendo-se presente de modo especial durante o ano de 2020 em que a pandemia do COVID 19 nos impôs a distância física e nos implicou em uma dimensão virtual para a continuidade dos estudos.

À professora doutora Maria Angélica Pisetta pelas contribuições na banca de qualificação e, após esta, através de em um proveitoso encontro virtual e ao professor doutor Charles Elias Lang pela participação da minha formação na graduação e agora no mestrado. A contribuição de ambos foi fundamental para o desenvolvimento e conclusão desta dissertação.

Aos queridos João Tomaz e professor doutor Lincoln Villas Boas por apostarem no meu percurso e dividirem carinhosamente as minúcias do dia a dia no chão da escola. O encontro com a paixão de ambos pela educação é inspirador.

À Jadna Brito, Evyla Araújo, Laura Antunes e Thalia Ramos por me apresentarem a vida que pulsa e que se renova diariamente em uma escola. Nenhum dia é igual, assim como cada aluno é um mundo diferente. Agradeço especialmente pelo apoio enquanto precisei me ausentar fisicamente para que pudesse ter o privilégio de estudar sobre o que trabalho.

À Isadora Veiga pela cuidadosa revisão deste texto desde a qualificação até a defesa. Sempre disponível para ler, conversar, escutar e acreditar nos objetivos deste estudo.

Às amigas Iasmin Oliveira, Aline Karolinne Oliveira e Priscila Gomes pelo acompanhamento do desenvolvimento desta pesquisa desde quando era apenas uma semente submetida na seleção do mestrado. Suas leituras, trocas e conversas me convocavam constantemente a uma preciosa reinvenção.

Aos colegas de turma do mestrado Ana Eliza, Alana Madero, Camila Buarque, Priscila Amorim e Rodrigo Pimentel pela partilha de um percurso que, por vezes, se torna tão solitário. Os cafés, conversas, trabalhos e estudos foram decisivos para seguir “bola para frente” e chegar até o final. Seria mesmo o fim?

Ao grupo de pesquisa coordenado pela professora doutora Susane Zanotti, composto por: André Guedes, Priscila Gomes, Priscila Amorim, Iasmim Oliveira, Kamila Cabral, Lilian Beatriz, Heitor, Larissa, Raianne, Morgana, Laís e Lídia. Neste espaço pudemos sustentar juntos o desafio imposto pelo distanciamento dos corpos durante a pandemia, inventando novas formas de experienciar a pesquisa e os estudo no campo virtual.

*“O que distingue o psicanalista- e porque não dizer que ele pode compartilhar essa disposição com um certo tipo de educador- é que ele opta pela paixão pela ignorância.”*

*Christian Dunker*

## RESUMO

Esta dissertação surge a partir do mal-estar que se apresenta quando as categorias diagnósticas do Manual Diagnóstico Estatístico (DSM) entram na escola como uma via de interpretação que, por vezes, apresentam-se como solução e/ou resposta ao que tropeça ou causa impasse na escolarização de adolescentes. Assim, objetivou-se investigar as engrenagens que operam em discursos de educadores relacionados aos diagnósticos de adolescentes. Para isto, realizou-se um levantamento bibliográfico nas bases de dados a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e a Scientific Electronic Library Online – Scielo, a fim de identificar como se articulam as noções de diagnóstico, adolescência e escola e, mais especificamente, como os estudos em psicanálise fazem esta articulação. Propusemos uma Incursão na Revista Nova Escola – produção de circulação nacional direcionada aos educadores do Brasil – a fim de compor o corpus de nossa pesquisa. Assim, as publicações sobre o tema desta pesquisa promoveram uma análise do modo como os diagnósticos se relacionam à adolescência de estudantes. O referencial teórico da psicanálise e a contribuição de Freud e Lacan nos apresentou à noção freudiana de que educar estaria entre os ofícios que carregam a impossibilidade inerente à linguagem e, mais adiante, conduziu-nos à estrutura lacaniana dos discursos. Utilizamos como operador metodológico os quatro discursos, propostos por Lacan no seminário 17 - O avesso da psicanálise, para análise de fragmentos discursivos da Nova Escola sobre diagnósticos e adolescência entre 2010 e 2020. Os resultados da Incursão na Nova Escola indicam que as categorias diagnósticas na adolescência são Transtorno Desafiador de Oposição (TOD), Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Ansiedade e Depressão. Ademais, outros aspectos referentes a “saúde mental” dos adolescentes são suicídio, bullying e automutilação. A análise também permitiu caracterizar um movimento discursivo: lógica de convite aos especialistas; a indicação de diretrizes pelos autores das matérias, e a tensão entre o conhecimento que é próprio do campo médico e o saber do educador. Esta dinâmica condiz com discurso universitário, discurso do mestre e discurso da histórica, respectivamente. Por fim, identificou-se uma resposta ao que não cessa de não se escrever nas publicações relacionadas ao diagnóstico de adolescentes: o impasse do sentido na adolescência.

**Palavras-chave:** Diagnóstico; Adolescência; Psicanálise; Educação; Quatro Discursos.

## ABSTRACT

This thesis arises from a discontent that presents itself when the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM) categories enter the school as a waf of interpretation that are often presented as a solution or response to what stumbles or causes an impasse in the adolescents schooling. Thereby, this paper aimed to investigate the gears that operate in the educators speech related to the diagnoses of adolescents. For that, a bibliographic survey was made in the Virtual Health Library and Scientific Electronic Library Online databases, in order to identify how diagnosis, adolescence and school notions are articulated and, more specifically, how the psychoanalysis studies make this articulation. We proposed an Incursion into the Nova Escola magazine – a nationally production directed to educators in Brazil – in order to compose our research corpus as an Incursion into the Nova Escola. Thus, the publications related to this research theme promoted an analysis about the way diagnoses relate to adolescence. The psychoanalytic theoretical framework, including Lacan and Freud contributions, introduced us to the Freudian notion that educating is among the occupations that carry an inherent language impossibility and, further, we were led to the Lacan's discourses theory. We used as a methodological operator the four discourses, proposed by Lacan in his 17 Seminar – The psychoanalysis reverse, to analyze discursive fragments in Nova Escola about diagnoses and adolescence between the years of 2010 and 2020. The Nova Escola Incursion results indicate that the diagnostic categories related to adolescence are Oppositional Defiant Disorder (ODD), Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), Anxiety and Depression Disorder. Furthermore, other aspects referring to the adolescents “mental health”, were suicide, bullying and self-harm. The analysis also allowed us to characterize a discursive movement: specialists invitation logic; indicated guidelines by the article's authors, and a tension between the medical field knowledge and the educator wisdom. This movement is related to a discursive dynamic that matches the university discourse, the master's discourse and the hysteric's discourse, respectively. At last, it was identified a response to what doesn't cease to write in the publications related to the adolescent's diagnosis: an impasse in the adolescence sense.

**Key-words:** Diagnosis; Adolescence; Psychoanalysis; Education; Four Speeches.

# Sumário

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO 1- ADOLESCÊNCIA E DIAGNÓSTICO: enlaces com a escola contemporânea .....	17
<b>Diagnóstico médico e o impossível de educar</b> .....	17
<b>O percurso metodológico</b> .....	24
<b>Nova Escola: “a revista que já nasceu grande”</b> .....	26
<b>Estudo da produção entre 2010 e 2020</b> .....	28
<b>Teoria dos Quatro Discursos: considerações metodológicas</b> .....	30
CAPÍTULO 2 – INCURSÃO NA REVISTA NOVA ESCOLA: do ‘aluno por trás do laudo’ ao enigma da adolescência .....	35
<i>A adolescência e suas (in)definições</i> .....	40
<i>A nova onda de diagnósticos: como anda a saúde mental nas escolas?</i> .....	49
<i>“Sinal amarelo: questões sobre a adolescência de nosso tempo”</i> .....	55
CAPÍTULO 3 –DIAGNÓSTICO DE ADOLESCENTES NA NOVA ESCOLA: considerações à luz a Teoria Quatro Discursos .....	60
<b>O convite da Nova Escola aos especialistas</b> .....	63
<b>Diretrizes, prescrições e caminhos ao leitor/educador</b> .....	66
<b>Tensão entre o conhecimento próprio do campo médico e o saber do educador</b> .....	69
<b>Um impasse do sentido: entre os enredos virtuais e o esvaziamento da palavra</b> .....	71
<b>Discurso capitalista e seus efeitos na educação</b> .....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	79
REFERÊNCIAS .....	83
ANEXO 1 .....	90

## INTRODUÇÃO

“O diagnóstico foi um alívio, era um problema que tinha solução, não era eu”. Este é o título em destaque na primeira página do site do *Instituto Paulista de Déficit de Atenção*<sup>1</sup>. O relato de uma mãe, cujo filho foi diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Este chamado presente na matéria, anunciando o impasse de uma mãe sobre a origem do “problema” de seu filho em idade escolar é muito presente nas narrativas contemporâneas.

O cotidiano escolar vem sendo atravessado pelos especialismos como uma via para interpretar o que não vai bem na escolarização, ou até mesmo para indicar formas de responder técnica e socialmente ao que não cessa de aparecer como questão (COUTINHO; CARNEIRO, 2018). Elementos do discurso médico e psicológico, mais especificamente as categorias diagnósticas contidas no Manual Diagnóstico Estatístico V (DSM- V), visam interpretar aquilo que tropeça, que causa impasse, que sai dos planejamentos pedagógicos. Partimos aqui do pressuposto de que isto traz efeitos para as relações estabelecidas entre professores, psicólogos, médicos, estudantes e pais.

A psicanalista Agnès Aflalo (2012) nos adverte sobre uma tarefa que vem sendo atribuída à escola, a partir de práticas pedagógicas que visam detectar - quanto mais cedo “melhor- o potencial delinquente de uma criança, delineando seu possível futuro, a fim de tratá-la. A mesma autora também aponta que as avaliações, baseadas na estatística, são uma das manifestações do mal-estar de nossa época. A lógica que transforma o sujeito em objeto, reduzindo as infinitas formas de subjetivação a padrões passíveis de quantificação não dá conta de erradicar o que não cessa de aparecer na escola: o impossível de educar.

As questões que animaram o início desta pesquisa criaram contornos a partir de dois encontros ocasionados na rotina e nos “corredores” de uma escola. No primeiro uma jovem estudante questionava se os pensamentos que tinha eram de fato dela ou do transtorno indicado por sua psiquiatra. A adolescente se viu diante de uma questão que lhe impunha um trabalho de circunscrição do que lhe causava sofrimento. O segundo encontro foi com um professor que disse se sentir completamente paralisado para elaborar

---

<sup>1</sup>Disponível em <https://dda-deficitdeatencao.com.br/depoimentos/diagnostico-foi-alivio.html>. Acesso em 14 de setembro de 2018.

uma prova a partir das orientações contidas no laudo emitido por uma psicóloga. Nos dois encontros havia um elemento que se repetia: a demanda de uma apropriação particularizada dos discursos dos especialistas em questão. Tornar próprio o repertório produzido pelo discurso médico e psicológico parece ser uma tarefa que tropeça, que interroga e aponta para uma das formas do mal-estar na escolarização.

As prescrições médicas e psicológicas implicam em alterações no enredo do trabalho docente, bem como da rotina escolar de um estudante, produzindo efeitos para os sujeitos envolvidos e para as instituições escolares. Diante desta conjectura, trazemos como inspiração a referência de Laurent (1999) ao analista cidadão, quando este diz que o analista não deve se restringir a escutar, recordar e cultivar o que há de particular no sofrimento humano, mas deve transformar esta particularidade em algo útil, em um instrumento para todos. Nesta direção, o analista cidadão busca contribuir para que, a cada vez que se intente erigir um ideal, abra-se a possibilidade de denunciar que o estabelecimento de novos ideais não precisa ser a única alternativa de intervenção nas instituições. Aí está uma importante questão sobre o lugar de um analista na pólis, mais especificamente na escola.

O percurso de construção deste estudo é inspirado pela proposição freudiana sobre as profissões impossíveis, a saber, psicanalisar, educar e governar (FREUD, 1923/1925). Este enunciado freudiano, em um primeiro tempo da pesquisa, orienta nossa investigação sobre o modo como o impossível de educar é traduzido nos diagnósticos orientados pela perspectiva do DSM- V, tal como propõe a Associação Americana de Psiquiatria.

Em um segundo tempo, a referência de Freud às profissões impossíveis nos conduziu e apresentou a noção de discurso, elaborada por Lacan no *Seminário 17 – O avesso da psicanálise* (1969-1970/1992). A partir de uma retomada do projeto freudiano pelo avesso, este seminário é produzido em um cenário de mudança histórica organizada pelo movimento estudantil iniciado em maio de 1968 na França. Nesta ocasião as instituições passaram a ser questionadas, mais especificamente tempo em que se desnuda um impasse com a verdade. A psicanalista Marcela Antelo<sup>2</sup> nos ajuda a compreender a importância deste momento ao referir-se a ele como uma “época de mudança histórica e histórica, uma crise da verdade”. A referida crise da verdade, segundo Antelo (2021),

---

<sup>2</sup>Explicação intitulada *Produção dos Quatro Discursos* no seminário de formação “*Quando o real explode*” organizado pela Seção Bahia da Escola Brasileira de Psicanálise, transmitido por videoconferência em 7 de abril de 2021.

surge enquanto produto da vergonha de falar de onde sai o significante-mestre ( $S_1$ ). Ou seja, a vergonha de falar de onde sai o significante que intervém no discurso, o significante de comando.

Buscamos subsídios na teoria lacaniana dos discursos para dar um passo a mais na análise derivada da incursão na Nova Escola. A perspectiva de discurso apresentada por Lacan (1969-1970/1992) aponta que estes subsistem nas relações fundamentais, como uma estrutura, uma espécie de engrenagem que não é fixa. Diferente do modelo de análise de discurso proposto pela psicologia ou pela linguística, a qual se centra na parte manifesta do discurso, a noção de discurso compreendida aqui se funda a partir de um descolamento entre enunciação e enunciado. Nesta perspectiva, a parte latente do discurso nos ajudou a realizar uma articulação entre alguns trechos das publicações da Nova Escola com os elementos discursivos propostos na teoria dos Quatro Discursos de Lacan. A articulação dos pontos identificados durante a presente pesquisa nos possibilitou analisar aspectos da emergência, agenciamento e passagem de um discurso a outro.

A apresentação dos discursos no seminário 17 estariam em correspondência com as profissões impossíveis apontadas por Freud (QUINET, 2012). Assim, o governar inspirou a elaboração do discurso do mestre(DM), o educar foi traduzido no discurso universitário(DU), e o psicanalisar ao discurso do analista(DA) e Lacan ainda acrescentou o discurso da histérica (DH). A impossibilidade inerente à linguagem é o que está em jogo no trabalho desenvolvido por Lacan a partir da organização de matemas para traduzir a relação com a verdade que cada um dos discursos guarda. Na lição XII do seminário 17, Lacan (LACAN, 1969-1970/1992) demarca que o impossível é o real. A articulação entre o impossível e o real, nos faz retornar ao ponto de partida: em que medida o impossível de educar vem sendo articulado com um esforço de tradução pelos discursos da ciência através das categorias diagnósticas?

A noção de que “os discursos em apreço nada mais são do que a articulação significante, o aparelho, cuja mera presença, o *status* existente, domina e governa tudo o que eventualmente pode surgir de palavras” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 177) nos pareceu pertinente para investigar o modo como as avaliações, baseadas em critérios estatísticos, produzem efeitos na transmissão entre estudantes e educadores. O ponto que nos convoca a analisar o modo como os diagnósticos tocam os discursos sobre estudantes adolescentes se delinea, por exemplo, quando a saída de encaminhar os estudantes aos

serviços de psicologia e psiquiatria não ocorre mais a partir da escola, mas também dos responsáveis e do próprio adolescente que buscam saber algo sobre o seu sofrimento.

A esta altura, questionamos: quais as engrenagens que operam nos discursos de educadores relacionados aos diagnósticos de adolescentes? O recorte para os diagnósticos de adolescentes justifica-se pela experiência profissional desta autora com estudantes que cursam os Anos Finais do Ensino Fundamental. A participação no projeto ‘R.S.I: corpo e suas dimensões’ e nas ações com adolescentes que cursam o ensino médio e professores, também contribuiu para a emergência de questões que foram exploradas na presente pesquisa.

A referência de Miller na Intervenção de encerramento da 3ª Jornada do Instituto da Criança sobre a adolescência enquanto uma construção que comporta sempre uma convicção correspondente ao espírito de sua época, nos ajuda a circunscrever o conceito de adolescência abordado nesta dissertação. Sobre a contemporaneidade, Miller ainda aponta que se trata de uma época que é muito incerta quanto ao real, e que nega, “de boa vontade” o real para dar lugar aos signos (MILLER, 2016). Diante disto, assumimos o pressuposto de que a produção de significantes pela ciência toma contornos específicos quando o que está em jogo é a subjetivação de adolescentes.

Historicamente, as mudanças nas formas de sofrimento psíquico estruturaram-se como uma prova de que a demanda dos sujeitos é construída a partir de significantes que circulam na cultura, neste sentido é importante dar relevo à engrenagem discursiva em que o saber médico sofre questionamentos e operam transgressões no limite dos discursos convencionados pela sociedade (LEGNANI, 2020). A hipótese de que a adolescência de nosso tempo nos ajuda a investigar as novas modalidades de laço social, bem como a observação de que em nossa cultura atual os significantes relacionados à ciência vêm produzindo consequências na instituição escolar, foram decisivas para o recorte em nossa pesquisa.

Tomando como fio condutor a referida questão, propomos uma Incursão pela Nova Escola. A Nova Escola define-se como “uma organização de Educação e a marca mais reconhecida por professoras e professores de Educação Básica no Brasil” (NOVA ESCOLA, 2021). Além disso, ela é referenciada em trabalhos acadêmicos expressivos no campo da educação (GUARIDO, 2009; NUNES, 2013; REVAH, 2013; ROCHA, 2004). O site da organização estudada dispõe de um extenso acervo composto por planos de

aulas, cursos, materiais educacionais, boxes com conteúdos digitais direcionados aos professores de acordo com as séries da educação básica, dentre outros. A composição do material identificado para este estudo foi de revistas mensais disponibilizadas em versão online, assim como notícias que constam no mesmo site. A inclusão da revista online justificou-se por ser o eixo mais antigo e tradicional de trabalho da Nova Escola, a qual foi inaugurada em 1986 pela editora Abril através de publicações impressas.

O nome *incursão*, designado para o trabalho de estudo desenvolvido com os textos levantados na Nova Escola, foi inspirado na própria definição da língua portuguesa de “Passeio ou viagem por um lugar, uma região ou um país”<sup>3</sup>. A noção de uma viagem se faz pertinente para ilustrar a organização metodológica do trabalho desenvolvido. Uma viagem pressupõe o deslocamento a um novo espaço e promove uma experiência, no sentido do que nos afeta enquanto pesquisadores. A viagem também pressupõe um retorno, um segundo tempo em que se pode produzir algo a partir da experiência. Nesta direção, propomos uma *incursão*, uma viagem a um lugar habitado e organizado especialmente por profissionais da educação, demandando um exercício de respeito à alteridade entre educação e psicanálise, tal como Freud (1925/1966) demarca em seu ensino.

Tomando como alicerce as questões apresentadas, esta dissertação divide-se em três capítulos, os quais foram inspirados no questionamento norteador da pesquisa e se delinearão como três tempos, respectivamente. O primeiro foi uma preparação para o estudo da Nova Escola, a partir de uma revisão da literatura em indexadores científicos e de um primeiro estudo sobre a história da revista eleita para compor o *corpus* desta dissertação. O segundo tempo correspondeu ao registro e a discussão do material encontrado na Nova Escola. Finalmente, o terceiro tempo correspondeu a um estudo sobre os discursos capturados nas publicações da Nova Escola que apontam para os diagnósticos e a adolescência de nosso tempo. Este último tempo da pesquisa, orientou-se pela noção de discurso desenvolvida por Lacan no seminário 17 – O avesso da psicanálise.

O primeiro capítulo é organizado a partir de um “elogio ao mal-entendido”, tal como a proposta de trabalho adotada por Ansermet (2014), a respeito da alteridade entre

---

<sup>3</sup> Dicionário online Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=okG9o>. Acesso em 14 de abril de 2021.

medicina e psicanálise. Nesta pesquisa, acrescentamos a educação a este mal-entendido, uma vez que enquanto medicina e educação operam e se estruturam buscando generalizações a fim de conduzir suas intervenções, a psicanálise parte do pressuposto do sujeito do inconsciente freudiano, o qual é particular e produz um saber que é próprio para cada sujeito. O elogio ao mal-entendido é o pano de fundo que orienta um levantamento em dois indexadores científicos, a saber, a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e a *Scientific Electronic Library Online* – Scielo. O levantamento de referências relacionadas ao tema desta pesquisa viabilizou o encontro com a Nova Escola, enquanto via de acesso aos discursos de educadores relacionados aos diagnósticos de adolescentes, e possibilitou o aprofundamento de uma discussão das publicações identificadas.

O segundo capítulo fundamenta-se nos resultados identificados a partir do estudo da Nova Escola. Sendo assim, o material levantado foi organizado em tópicos de acordo com as publicações dedicadas: a (in)definir o conceito de adolescência; as matérias sobre as categorias diagnósticas relacionados aos adolescentes que foram identificados nas revistas entre 2010 e 2020 e, por fim; os artigos que discutem aspectos relacionados à saúde mental dos estudantes adolescentes, com suicídio, *bullying* e automutilação. Assim, nossa discussão considera as publicações levantadas na Nova Escola e referências bibliográficas identificadas na revisão da literatura.

O terceiro e último capítulo tem o objetivo de dar um passo a mais e tirar consequências ao que foi destacado durante a Incursão na Nova Escola. Deste modo, buscamos subsídios na teoria lacaniana dos Quatro Discursos para realizar uma análise a partir da articulação de alguns trechos das publicações; considerados como modos como diagnósticos de adolescentes comparecem nas publicações da Nova Escola. Assim, o movimento discursivo apontado pela lógica de convite da Nova Escola aos especialistas; indicação de diretrizes para a atuação do leitor/educador e a tensão entre o conhecimento que é próprio do campo médico e o saber do educador foram os pontos que emergiram e nortearam este capítulo.

## CAPÍTULO 1- ADOLESCÊNCIA E DIAGNÓSTICO: enlaces com a escola contemporânea

### **Diagnóstico médico e o impossível de educar**

Um importante texto sobre a relação entre psicanálise e educação foi o *Prefácio A Juventude Desorientada, de Aichorn* (FREUD, 1925/1996). Neste texto Freud nos indica duas lições derivadas da publicação de Aichorn. Uma delas é que seria muito válido que os educadores passassem por uma experiência de análise, uma vez que isto tornaria a relação com as crianças mais acessível, a partir sua própria experiência analítica (FREUD, 1925/1966). A outra lição refere-se à impossibilidade de a educação ser confundida com a influência psicanalítica, pois, apesar da psicanálise poder ser convocada a auxiliar com o manejo da criança, ela não pode ser considerada um substituto para a educação (FREUD, 1925/1966). Considerar que a psicanálise não pode ser um substituto para a educação, nos convida a inventar possibilidades de atuação a partir da alteridade destes campos.

A questão que anima o presente estudo surge a partir da atuação em uma escola como estudantes do Ensino Fundamental – Anos Finais. Ao ter oportunidade de trabalhar com professores, estudantes e seus familiares, equipe pedagógica e demais participantes de uma comunidade escolar, surge a seguinte questão: como o diagnóstico e a linguagem da ciência toca os discursos sobre o que se apresenta como impossível no ofício de educar?

A possibilidade de viver uma imersão diária no cotidiano escolar toma contornos bem particulares se orientada pela ética psicanalítica. Assim, a relação que se estabelece, por exemplo, com os diagnósticos advindos do campo médico assume um olhar que não se esgota nas orientações e prescrições contidas nos laudos, mas em como estas são tomadas pelos estudantes, pelos educadores e pela família dos que são diagnosticados.

Para pensar os impasses derivados da relação entre os discursos que emergem diante da alteridade concernente à medicina, educação e a psicanálise, o “elogio ao mal-entendido” feito por Ansermet (2014) sobre esta alteridade dos campos se faz pertinente para o desenvolvimento deste capítulo. Considerando que a psicanálise é convocada pela medicina a partir de universais, no entanto sua operação só é possível pelo particular, há um mal-entendido que funda esta relação (ANSERMET, 2014). Considerando o mal-entendido que se dá no ponto em que a operação do universal se fundamenta, marcando

a alteridade com a via particular que a psicanálise se estrutura, buscamos investigar caminhos para trabalhar a questão que anima o presente estudo. Diante do exposto, a referência ao mal-entendido entre psicanálise, educação e medicina é o denominador que orienta este capítulo.

Ainda no prefácio escrito para o livro *A juventude desorientada*, de Aichorn, Freud (1923/1925) nos diz que de todas as aplicações da psicanálise, nenhuma despertou tanto entusiasmo e atraiu tantos colaboradores eficientes como a da educação. Em seguida, Freud (1923/1925) afirmou que sua contribuição nesta área foi tímida e que inicialmente considerava educar, psicanalisar e governar profissões impossíveis, no entanto, se reconhecia tomado pelo psicanalisar.

O impossível de uma transmissão no campo educacional é apontado por Santiago (2008) como todos os fenômenos que geram mal-estar na educação, ou seja, tudo que se apresenta como uma resistência à ordem simbólica. Tanto o aluno pode manifestar esta resistência à ordem simbólica, quando se mostra avesso ao saber do professor, como o professor pode manifestar o impossível da transmissão diante da perda do desejo de ensinar (SANTIAGO, 2008). O impossível de uma transmissão no campo educacional vem sendo articulado ao campo da ciência enquanto uma nomeação do fracasso associado a um déficit do sujeito, como por exemplo, um déficit cognitivo, de atenção ou da linguagem (SANTIAGO, 2008). Assim, a forma como as classificações diagnósticas, produzidas no campo científico, tocam os discursos que circulam nas escolas, bem como produzem efeitos na quena experiência dos estudantes e professores a de nosso tempo.

Na obra *Mal-Estar na Civilização* (1930/2010) Freud discute os efeitos da finalidade da vida humana e propõe que “a vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis e para suportá-la, não podemos dispensar paliativos (FREUD, 1930, p. 28)”. Assim, o fracasso diante da prevenção do sofrimento psíquico marca a civilização humana. Freud (1930/2010) aponta para a impossibilidade de alcançar tudo o que se deseja a partir de uma programação da experiência. O que seria o programa? O programa é aquilo que é registrado primeiro, com o objetivo de prever a experiência (VIGANÓ, 2012). Um dos programas seria

O programa de ser feliz, que nos é imposto pelo princípio do prazer, é irrealizável, mas não nos é permitido - ou melhor, não somos capazes de - abandonar os esforços para de alguma maneira tornar menos distante a sua realização. Nisso há diferentes caminhos que podem ser tomados, seja dando prioridade ao conteúdo positivo da meta, a obtenção do prazer, ou ao negativo, evitar o desprazer. Em nenhum

desses caminhos podemos alcançar tudo o que desejamos (FREUD, 1930/2010, p. 40).

Atualmente o contexto de um esvaziamento da experiência em detrimento de uma exagerada oferta de informações oferecidas das redes virtuais (BONDÍA, 2002) dá novos contornos à construção freudiana sobre a impossibilidade de programar a experiência e nos convoca a questionar os efeitos deste cenário nas relações estabelecidas com o conhecimento. Nesta direção, Dunker (2015), em sua obra *Mal-estar, sofrimento e sintoma*, situa a educação contemporânea em uma trama, na qual *diagnosticar* se tornou uma das atividades mais apreciadas em nossa forma de vida. O autor ainda argumenta que, historicamente, na educação, diagnostica-se cada vez mais: a medicalização da infância passou da disfunção cerebral mínima, nos anos 1970, para a dislexia, nos anos 1990, chegando agora ao déficit de atenção.

Ainda sobre a razão diagnóstica, Dunker (2018) refere-se a uma análise histórica das formas de nomeação do mal-estar como ponto de identificação do sofrimento coletivo, sugerindo uma tentativa de hegemonia de certos sintomas ao longo do tempo como meio de situar as transformações nos modos de apresentação do sofrimento psíquico.

É considerável a quantidade de estudos em psicologia, medicina e enfermagem (STEFANINI, ET.AL., 2015; FERNANDES ET. AL. 2014; JÚNIOR; LOOS, 2011; COUTINHO; ET.AL., 2009; SANTOS; KRIEGER, 2014) que tomam como referencial para o diagnóstico os Manuais Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) VI e V. Estudos apontam ressalvas à perspectiva de diagnóstico abordado pelos referidos manuais (PALOMBINI, 2017; ROCHA, 2011; LOURES; FERNANDES, 2015; FRUTOS; 2019) e trazem contribuições da teoria psicanalítica, situando o lugar que o diagnóstico ocupa nesta teoria.

Faz-se necessário situar divergências na incidência do diagnóstico em psicanálise e na psiquiatria, pois o uso que se faz dos significantes relacionados ao diagnóstico é diferente em cada campo de saber. Assim, o psicanalista pode agir e pensar com hipóteses diagnósticas, mas não deve enunciar para os sujeitos seu vocabulário psicopatológico, considerando os efeitos que os significantes relacionados ao diagnóstico produzem no sujeito (DUNKER, 2015). Deste modo, as diferenças epistemológicas entre o diagnóstico em psicanálise e em psiquiatria demandam uma leitura situada sobre seus efeitos enquanto significante presente nos discursos sobre o mal-estar na educação.

A psiquiatria, especialidade da medicina que vem estabelecendo relações com a escola através das demandas de diagnósticos, nasceu tendo como base o método clínico. E, assim, com uma postura funcionalista e considerando fortemente o olhar e a descrição fenomenológica dos sujeitos, baseando-se sempre a partir do olhar de quem ouve (BARRETO; IANNINI, 2017).

Do século XVIII até a primeira metade do século XX, a medicina trilhou o percurso de estabelecimento de sua base científica através da concepção do normal e do patológico em sólidas bases biológicas (BARRETO; IANNINI, 2017). Em meados do século XX, iniciou-se uma reviravolta na psiquiatria através da introdução de psicofármacos e da publicação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), da Associação Psiquiátrica Americana, que toma como orientação a enumeração e quantificação de sintomas mediada por um consenso (BARRETO; IANNINI, 2017).

O uso do DSM traz implicações para uma leitura do que se compreende como normal e patológico nos estudantes. A tese proposta na obra *O normal e o patológico* de Canguilhem (1995) nos convoca a interrogar sobre quem referência quando se diagnostica.

A concepção de que “a fronteira entre o normal e o patológico é imprecisa para diversos indivíduos considerados simultaneamente, mas perfeitamente precisa para um único e mesmo indivíduo considerado sucessivamente” (CANGULHEM, 1995, p. 145) nos direciona para a necessidade de tomar o próprio sujeito como referência para a compreensão de suas formas de ser e de viver a vida. Ou seja, “o indivíduo é que avalia essa transformação, porque é ele que sofre suas consequências, no próprio momento em que se sente incapaz de realizar as tarefas que a nova situação lhe impõe” (CANGULHEM, 1995, P.145).

O uso do diagnóstico pelo educador em sua prática abre possibilidades de análise em torno desta nova norma que se apresenta ao sujeito. O estudante foi tomado como referência para a compreensão de seu estado? Ainda que ele seja a referência, é necessário indicar que “a doença não é apenas o desaparecimento de uma ordem fisiológica, mas o aparecimento de uma nova ordem vital” (CANGUILHEM, 1995, p.156). Neste sentido, o espaço para a criação de novas normas a partir da nova ordem que surgiu para o sujeito, passa a ser um ponto importante no discurso dos educadores. Sentar na primeira cadeira

ou realizar provas com adaptações, por exemplo, podem implicar uma nova ordem na vida do estudante?

Faz-se necessário atentar para o modo como o as nomeações do campo científico podem produzir efeitos no que se fala sobre um sujeito em questão. Caso sejam priorizadas técnicas e/ou instrumentos avaliativos em detrimento do próprio sujeito como referencial para o diagnóstico, podem surgir novas demandas em torno de quem se vê diagnosticado.

Ansermet (2013) faz uma análise sobre a relação da psicanálise com a ciência a partir de uma leitura lacaniana. O autor ressalta que a psicanálise não pode escapar do modo complexo como a ciência se apresenta atualmente e assumir simplesmente uma postura radical em relação a esta. A psicanálise só poderia dar novos passos se conseguisse estabelecer pontes com saberes dos campos conexos a ela. Deste modo, ela avançaria dialogando com dimensões de outros campos do conhecimento e se opondo a estes simultaneamente (ANSERMET, 2013). Neste sentido, é necessário dar relevo ao modo como uma categoria diagnóstica pode fazer laço para cada sujeito.

Em uma conferência dirigida a médicos, Lacan (1966) já nos dava pistas sobre os efeitos do lugar central ocupado pela medicina na subjetividade de cada tempo. A passagem da medicina para o campo da ciência, bem como a exigência da condição experimental em seu desenvolvimento, são pontos desenvolvidos nesta conferência. Lacan vai além ao descrever que “é no ponto em que as exigências sociais são condicionadas pelo aparecimento de um homem que sirva às condições de um mundo científico, que provido de novos poderes de investigação e de pesquisa, o médico encontra-se face a novos problemas” (LACAN, 1966, p.9). Assim, faz-se necessário situar o modo como o discurso da ciência se articula e produz gramáticas normativas sobre o sofrimento psíquico.

A obra *Mal-Estar na Civilização* Freud (1930/2010) toma como fio condutor a relação entre cultura e o aparelho psíquico. Sobre os efeitos da finalidade da vida humana são apontadas três fontes do sofrimento humano: “do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos (FREUD,

1930/2010, P.31). Assim, a relação entre a vida humana e a cultura sempre produz um impasse que impede a completude e não comporta de bom grado a evitação do sofrimento.

A subjetivação, é referida por Dunker (2004) como um processo de apropriação discursiva que possibilita particularizar o sofrimento humano, fazendo o contorno de uma demanda singularizada. A singularização é tomada como “a forma única como o universal da falta e da finitude, que caracteriza o sujeito em psicanálise, se dialetiza com o particular representado pela história de um grupo e pelas vicissitudes próprias de um determinado sistema simbólico, onde o sujeito se constitui (DUNKER, 2004, p. 96). A condensação das modalidades do sofrimento humano a uma mesma gramática normativa e a uniformização os sintomas são processos ideológicos importantes, tanto porque podem neutralizar uma potência crítica em sobre os sintomas quanto pelo lugar que os sintomas assumem enquanto modalidades de laço social (DUNKER, 2004).

Diante do exposto, o presente capítulo parte rumo a uma incursão na Revista Nova Escola, tendo como questão norteadora: quais são as classificações diagnósticas relacionadas à experiência escolar de adolescentes? Como se estruturam os discursos dos educadores/escritores da Nova Escola sobre a adolescência contemporânea? Buscamos assim, a partir da referida revista identificar como se apresentam os discursos sobre as categorias diagnósticas advindas do campo médico e pedagógico sobre o adolescente de nosso tempo.

O conceito de *adolescência* não é trazido na teoria freudiana de forma específica, considerando que este termo não aparece de modo substancial em sua obra. Assim, é a partir da *puberdade* que encontramos elementos que dialogam com o recorte proposto por este estudo. Na terceira parte dos *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905/2016) dá importantes contribuições sobre a puberdade, demarcando que é neste momento que elementos da vida sexual infantil são reeditados e encaminham-se à sua configuração definitiva. Neste texto, Freud também aponta duas mudanças relevantes ocasionadas pelo advento da puberdade: o primado das zonas genitais e o processo de descoberta do objeto. Assim, sobre a operação das transformações do instinto sexual infantil para a puberdade, temos que

O instinto sexual<sup>4</sup>, que era predominantemente autoerótico, encontra agora um objeto sexual. Ele operava a partir de diferentes instintos e zonas erógenas, que buscavam, cada qual de forma independente determinado prazer como única meta sexual. Agora ele recebe uma nova meta sexual e todos os instintos parciais cooperam para alcançá-la, enquanto as zonas erógenas se subordinam ao primado da zona genital (FREUD, 1905/2016, p. 121).

Este ponto, em que o desenvolvimento físico se encontra com novas demandas, também é atravessado por um novo estatuto em que a sociedade convoca os sujeitos, dando um contorno ao que entendemos aqui por adolescência. Neste momento, diante de demandas que o próprio corpo proporciona, o sujeito é invadido por um excesso pulsional, sobre o qual desconhece como satisfazer, enquanto a sociedade o convoca a assumir um novo estatuto na divisão de papéis e funções dentro de seu contexto social (COUTINHO, 2009). Na adolescência o sujeito se depara com a reedição do complexo de Édipo, permeada pela inscrição de novas formas de incidência da castração, as quais surgem durante a entrada no mundo social e a partir de uma escolha na partilha dos sexos, demandando uma reelaboração na esfera narcísica (COUTINHO, 2009). Diante desta trama em que o sujeito adolescente se encontra implicado- e em seu no encontro com outros sujeitos que vivenciam experiências semelhantes -, temos a escola como um espaço que possibilita o exercício na elaboração de um novo lugar na sociedade e no encontro com outros sujeitos que vivenciam esta convocação.

O presente estudo traz um recorte no qual o diagnóstico se apresenta como elemento a ser analisado nos discursos que circulam sobre o impossível de educar. Nos últimos anos houve um aumento do número de adolescentes que são incluídos em alguma categoria diagnóstica de transtorno mental e estes, por vezes, são relacionados às dificuldades encontradas na experiência escolar dos jovens (VIOLA; VORCARO, 2015).

---

<sup>4</sup> Chamamos atenção aqui para a presença da expressão “instinto sexual” na edição em português que é citada de forma direta no presente trabalho. Tavares (2019) discute aspectos da tradução do vocábulo *Trieb* na obra freudiana ao traduzir a edição bilingue da editora Autêntica da obra “Pulsão e seus destinos”. O autor e tradutor faz uma incursão pela etimologia do vocábulo *Trieb* a fim de demonstrar o quanto os desvios na tradução desta palavra insistem em posicionar Freud no campo das Ciências Naturais, quando na verdade, com conceito de *Trieb* Freud justamente apresenta uma nova proposta de clínica que busca ir além dos determinismos da natureza. O uso do termo “instinto” para traduzir *Trieb* demanda cuidado em nossa leitura, na medida em que este conceito se situa justamente nas fronteiras entre o corpo transformado pelo psíquico, pela cultura e pelo simbólico (TAVARES, 2019).

Para além do pressuposto indicado, o recorte sobre adolescência nesta pesquisa, justifica-se pela participação de extensão Ateliê RSI<sup>5</sup> na Universidade Federal de Alagoas. Neste grupo foram discutidas questões em torno da adolescência, partindo da interação com estudantes entre 10 a 15 anos de uma determinada escola pública de Maceió. Tal experiência também possibilitou articulações teóricas com esta pesquisa.

### **O percurso metodológico**

Analisando a palavra método, observamos que ela é derivada de *méthodos*, mais especificamente, “*metha*”, através; e “*hodós*”, caminho. Ou seja, através do caminho percorrido, busca-se dar um contorno a nossa questão. Deste modo, a escrita dos aspectos metodológicos visa partilhar o percurso desta pesquisa. A ética que orienta este estudo considera que “a psicanálise não nega o resto, o limite ou o obstáculo ao saber. E, nesse ponto, ela se reencontra com a ciência lembrando-lhe que seus ideais não passam de utopias, reafirmando, ao lado dela, que é sempre possível construir um novo saber acerca de sua verdade” (GUERRA, 2010, p.139).

Adotando pressupostos do trabalho clínico à pesquisa em psicanálise, a compreensão da produção científica é entendida como um intento de dar conta do real (GUERRA, 2001). É justamente no ponto limite que o saber se confronta com o real, que há repetição na busca por dar conta deste e, assim, as repetições modulam ideias e discursos que ganham estatuto de verdade (GUERRA, 2001). Consideramos o resto produzido por esta operação, e entendemos que são nestes pontos que a pesquisa em psicanálise pode produzir algo e contribuir com a sociedade.

Diante disso, o caminho que adotamos para investigar a relação entre diagnóstico, escola e adolescência conta com alguns tempos. Em um primeiro momento, investigamos como esta relação vem sendo abordada a partir de uma revisão de trabalhos acadêmicos.

A fim de elaborar uma revisão do que já se publicou em torno do tema esta pesquisa, realizamos um levantamento de artigos publicados em dois indexadores: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e *A Scientific Electronic Library Online - Scielo*. Foram utilizadas

---

<sup>5</sup>Atividade de extensão vinculada ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, coordenada pela professora Dra. Susane Zanotti, que reúne estudantes de psicologia, psicólogos e psicanalistas de Alagoas. Atualmente discutem-se temas que se apresentam em nossa sociedade, especialmente no meio virtual. Questões como namoro 2D, suicídio nas redes sociais, autolesão, jogos de internet, grupos da cultura K-POP, dentre outros, são estudados especialmente a partir das noções de Real, Simbólico e Imaginário da teoria de Lacan.

duas combinações de descritores: 1) “Diagnóstico AND Adolescência AND Escola” e 2) “Diagnóstico AND Adolescência AND Psicanálise”.

A técnica de leitura dos trabalhos encontrados no levantamento bibliográfico segue as etapas propostas por Bastos (2009): leitura exploratória, leitura seletiva, leitura analítica e leitura interpretativa. A leitura exploratória é uma leitura panorâmica que se faz dos trabalhos levantados; a leitura seletiva é mais específica e são lidas partes do trabalho consideradas relevantes; na leitura analítica os textos lidos já passam a ser considerados “definitivos” na pesquisa, e, finalmente, a leitura interpretativa deve ser realizada visando compreender como os autores se posicionam em relação ao tema pesquisado (BASTOS, 2009).

Os critérios de refinamento dos artigos encontrados foram: (1) Ano de publicação (2009- 2019); (2) Texto Disponível; (3) Idioma (português e espanhol) nas duas bases de dados. Na Biblioteca Virtual em Saúde foram identificados 5873 arquivos com a primeira combinação de descritores, após a utilização dos filtros foram identificados 176 artigos para leitura dos títulos e palavras-chave. Na leitura seletiva foram identificados e organizados 15 documentos. Já com a segunda combinação dos descritores, foram identificados 28 artigos, e após a utilização dos filtros restaram 9 para leitura de título e palavras-chave. Para leitura seletiva, foram encontrados 5 artigos, considerando que um havia sido repetido. Assim, na biblioteca Virtual em Saúde foram identificados 20 artigos para leitura analítica.

No Scielo foram identificados 12 arquivos com a primeira combinação de descritores, após o refinamento com os mesmos filtros da BVS, foram identificados 11 artigos para leitura dos títulos e palavras-chave, na leitura seletiva foram salvos 4 artigos. Com a segunda combinação de descritores foram identificados 44 arquivos e após o refinamento foram selecionados 18 artigos. Portanto, inicialmente foram selecionados 22 artigos para compor a revisão da literatura.

Após uma leitura integral das publicações levantadas, foram encontrados trabalhos que não faziam uma relação entre diagnóstico e adolescência e trabalhavam, por exemplo, a relação entre fracasso escolar e adolescentes em conflito com a lei. Assim foram excluídas 6 publicações, resultando em 16 artigos para a leitura interpretativa. Além dos artigos selecionados no levantamento bibliográfico, também foram utilizadas

publicações encontradas ao longo da pesquisa a partir das referências tratadas no grupo de pesquisa, considerando a relação com o tema estudado.

Em um segundo momento desta pesquisa, a Nova Escola – produção de circulação nacional direcionada aos educadores do Brasil – proporcionou uma incursão cujo foi recorte foi conhecer o que se fala sobre os diagnósticos que se relacionam à adolescência. Nesta etapa do percurso, buscamos identificar como as categorias diagnósticas do campo científico tocam os discursos dos educadores/leitoras da Nova Escola sobre a adolescência

### **Nova Escola: “a revista que já nasceu grande”**

A revisão sobre os diagnósticos relacionados a experiência escolar nos conduziu a trabalhos que apontam para o mal-estar que se apresenta nos discursos de professores e educadores quando os laudos médicos entram na escola (COUTINHO; CARNEIRO, 2019; COUTINHO; CARNEIRO, 2016; COUTINHO, et. AL., 2009). Independente da natureza desta apropriação, o ponto que sempre retorna é: o que esse laudo ensina sobre o aluno?

A investigação do modo como os diagnósticos tocam as narrativas sobre o adolescente contemporâneo pode ser tomada a partir de diferentes perspectivas e, para fins metodológicos, o presente estudo elegeu um recorte para os discursos endereçados aos docentes brasileiros. Nesta direção, a possibilidade de estudar uma revista de circulação nacional que tem como público-alvo educadores do ensino básico no Brasil se delineou a partir do encontro com o trabalho de Guarido (2008). Esta se dedicou a investigar como o saber médico se apresentava nas informações fornecidas a profissionais da educação na revista em questão.

Guarido (2008) fez um recorte de artigos relacionados à saúde e ao comportamento, bem como um levantamento das publicações entre 1986 e 2006. Através disso a autora identificou que instrumentos de diagnóstico médico eram ofertados como um meio do professor identificar problemas relacionados aos estudantes, configurando assim, uma espécie de convocação do professor para tornar-se uma extensão do especialista dentro do contexto escolar (GUARIDO, 2008). Além da referida autora, foram identificados trabalhos do campo educacional que utilizaram a Nova Escola como

fonte de análise em suas pesquisas (REVAH, 2013; NUNES, 2013; ROCHA, 2004), reafirmando a pertinência da revista no presente estudo.

A Nova Escola é referida em uma matéria de seu site como “A revista que nasceu grande”, pois a partir de um acordo com o Governo Federal, a revista nasceu em 1986 com a possibilidade de ser distribuída mensalmente de modo gratuito para mais de 200 mil escolas públicas brasileiras (NOVA ESCOLA, 2017). O contexto de surgimento da revista no Brasil guarda uma curiosidade que é abordada por Daniel Revah (2013) quando este compara as revistas Escola e Nova Escola, ambas da editora Abril. A primeira incursão dessa editora na área educacional ocorre através de um periódico - lançado no mês do dia do professor em 1971 - apresentado pelo próprio Victor Civita, fundador da editora Abril (REVAH, 2013).

O primeiro periódico da editora Abril dedicado ao público de educadores teve uma “vida curta”, uma vez que deixou de ser publicado em 1974 após 27 publicações, porém um novo intento foi realizado em meados da década de 80 com um título que, de acordo com Daniel Revah (2013) remete à primeira incursão da editora Abril: Nova Escola. É válido situar que, ao comparar as edições iniciais das revistas Escola e Nova Escola, Revah (2013) nos chama atenção para a relação com as conjunturas políticas em que ambas as edições foram lançadas, a saber, o regime militar foi o cenário da Escola e o regime democrático foi a conjuntura do lançamento da Nova Escola.

Durante o desenvolvimento da presente pesquisa, a Nova Escola passou por um novo marco em sua história: a publicação da última versão impressa. É válido destacar que desde 2015 a revista não circula mais nas bancas e pontos comerciais, sendo distribuída de forma digital, e tendo seu formato impresso apenas para assinantes. Na edição 326, em outubro de 2019, Leandro Beguoci, o diretor editorial e de conteúdo da Nova Escola, refere-se à conjuntura histórica do lançamento da revista em 1986 como um período em que a educação não era um direito constitucional e que a carreira docente ainda era incipiente (NOVA ESCOLA, 2019). Deste modo, a Nova Escola nasce como uma revista impressa com financiamento do Governo Federal e distribuição gratuita para escolas públicas do Brasil; em 2015 passa a ser distribuída exclusivamente para assinantes na versão impressa e online e em 2019 passa a não ter mais a versão impressa e muda o seu formato e passou a não publicar mais edições, mas sim conteúdo em formato digital intitulado “Nova Escola Box”.

O diretor editorial e de conteúdo da Nova Escola, convida os leitores a “conhecer a nova Nova Escola” (NOVA ESCOLA, 2019). Pela segunda vez, o significante “nova”

aparece marcando uma mudança no formato da revista dedicada aos educadores brasileiros, porém a contradição entre o que é novo e o que se sustenta desde o primeiro intento da editora Abril merece relevo. Considerando que os objetivos deste estudo não se relacionam com a história da Nova Escola, os aspectos de suas mudanças ao longo do tempo não serão centrais aqui. No entanto, faz-se necessário situar o contexto de mudanças que ocorreram na revista a fim de justificar o considerável alcance de educadores que esta apresenta atualmente.

### **Estudo da produção entre 2010 e 2020**

O corpus desta pesquisa é composto por reportagens e notícias de edições da Nova Escola disponíveis, revista que possui publicações online de grande circulação no campo educacional, como via para conhecer como os diagnósticos tocam o que se fala sobre o adolescente de nosso tempo.

Ao escolher a Nova Escola para investigar como discursos sobre o impossível da educação se articulam aos diagnósticos de adolescentes, não visa generalizar o discurso que circula entre educadores. A proposta é conhecer as modalidades de laço social que emergem nos discursos da revista. De acordo com informações da Associação Nova Escola, o conteúdo produzido atualmente tem um alcance de aproximadamente de 2 milhões de visitantes únicos por mês em sua plataforma, indicando a relevância desta revista para a nossa investigação.

A exploração da revista deu-se partir das revistas disponíveis na versão digital da Nova Escola e também dos conteúdos disponíveis no campo de busca do próprio site. Na análise do acervo digital, foram lidos todos os títulos de matérias das revistas mensais disponíveis desde novembro de 2013 a dezembro de 2020.

Na etapa do campo de busca do site foram utilizados os termos “transtorno” e “adolescência”, “adolescência” e “diagnóstico” e apenas o termo “adolescência” separadamente, assim foram encontrados arquivos desde julho de 2010, ampliando assim o recorte temporal. A escolha do termo “laudo” e além do termo “diagnóstico” se deu após a identificação que o uso deste termo na Nova Escola era mais relacionado a demandas pedagógicas, como “Diagnóstico com produção de texto” ou “Diagnóstico de escrita”. É importante destacar que o acervo da revista se encontra no mesmo site e, portanto, muitos arquivos se repetiram.

Após a busca no site da Nova Escola, foram identificadas 17 publicações (ANEXO 1) que são analisadas no presente estudo, tendo relação com as categorias diagnósticas e adolescência. Assim, foi organizado um quadro com mês/ano da publicação, título, edição, sessão em que aparece na revista, autores, categoria diagnóstica que é referida e se há alguma referência à adolescência. A seguir, tem-se um excerto do quadro construído durante o levantamento das publicações encontradas na Nova Escola (quadro completo no ANEXO 1) a fim de ilustrar a organização:

**Quadro 1: Organização das publicações da Revista Nova Escola encontradas a partir dos termos “laudo” e “adolescência”**

Mês/ Ano	Título	Edição	Sessão	Autores	Diagnóstico?	Adolescência?
mai. -19	Como está a saúde mental nas escolas?	322	Saiba	Tony Oliveira	Transtornos de ansiedade, depressão e déficit de atenção e hiperatividade	Sim
Jul/ 19	Transtornos Alimentares e a busca pelo corpo ideal: como abordar esse tema na escola?	Site	Saúde	Ana Carolina D' Agostini	Transtornos alimentares	Sim

Fonte: Autora, 2021.

Para análise do material levantado, tomamos a construção de Freud (1914/1996) em *A história do movimento psicanalítico* como inspiração. Nesta obra, Freud se refere à postura assumida por ele no início de suas construções teóricas, mais especificamente durante a obra *A interpretação dos sonhos*, quando ele se voltava para a lógica interna de seu argumento.

Aprendi a controlar as tendências especulativas e a seguir o conselho não esquecido de meu mestre, Charcot: olhar as mesmas coisas repetidas vezes até que elas comecem a falar por si mesmas. Minhas publicações, para as quais encontrei editor, não sem um pouco de dificuldade, sempre podiam não somente atrasar-me muito em relação aos meus conhecimentos, mas também serem adiadas quando eu quisesse, desde que não havia nenhuma “prioridade” duvidosa a ser defendida (FREUD, 1914/1996, p.21).

O movimento de olhar as mesmas coisas repetidas vezes orientou a leitura do material levantado. Assim, o que se repete no encontro com o *corpus* da pesquisa, bem como o que equivoca nos enunciados que circulam na Nova Escola sobre o diagnóstico de adolescente, proporcionou a identificação da emergência de discursos a partir de fragmentos levantados em nossa incursão. Assim, os discursos foram analisados de modo mais aprofundado no texto tomando como principal referência a noção de discurso apresentada por Lacan.

### **Teoria dos Quatro Discursos: considerações metodológicas**

Buscado analisar os fragmentos das publicações que apontam para os equívocos e repetições dos discursos que tocam o tema da presente pesquisa, inspiramo-nos na proposta metodológica de Lerner (2013). Em seu trabalho de investigação sobre os discursos relacionados à Educação Inclusiva, a referida autora tem como proposta metodológica uma leitura que se orienta em uma matriz da análise e aborda os discursos como efeito das enunciações. Nesta proposta, Lerner (2013) trabalha fragmentos discursivos derivados de duas fontes: registros de atendimentos a um grupo realizado pelo Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo com profissionais que se dedicam à educação inclusiva e a outra fonte analisada foi um material veiculado em um Fórum de Educação Inclusiva. Sendo assim, a forma como a autora propõe uma análise de discurso lacaniana para identificar o laço social que se estabelece nos fragmentos discursivos, bem como os efeitos deste laço, converge com o cenário contextual de nossa pesquisa: uma revista escrita e direcionada a profissionais da educação.

Os laços sociais são denominados por Lacan como aparelhos de gozo (QUINET, 2012). Por meio deles há um esvaziamento do gozo quando se instituem formas de relação entre um agente e o outro. O mal-estar na civilização, derivado das relações estabelecidas com o outro, é expresso nos laços sociais. Diante disto, buscamos estabelecer um campo de investigação que se dá a partir fragmentos discursivos da Nova Escola sobre a relação que os editores da revista estabelecem com os leitores quando o tema das publicações se refere às categorias diagnósticas relacionadas à aprendizagem de adolescentes, mais especificamente às manifestações do mal-estar na educação.

A análise psicanalítica de discursos orienta-se por uma perspectiva em que o discurso se situa como uma espécie de contorno, pela via da linguagem, daquilo que se apresenta como real, aquilo que não resiste à simbolização por meio de palavras, mas que,

ainda assim, também dá as cartas nos enredos discursivos. Dunker, Paulón e Milán-Ramos (2016) chamam atenção para a potência da tese lacaniana de que o discurso se dá como um contorno para o real, um aparelhamento do gozo, uma forma de ex-sistência da linguagem. Assim, os autores também nos fornecem referências para pensar vias de uma análise psicanalítica de discursos, trazendo estes como o que torna possível um conjunto de enunciados e o que circunscreve um certo enquadramento das possibilidades às quais o sujeito de encontra submetido.

Neste sentido, a inscrição do sujeito na linguagem não se dá a partir de um acúmulo de enunciados, mas pela constância nas relações de discordância ou negatividade, por meio das posições que o sujeito se apresenta ali onde há algo que resiste em dizer (DUNKER, PAULÓN, MILÁN-RAMOS, 2016). O enfoque nas posições subjetivas e em suas mudanças apontam para o caráter estrutural da perspectiva discursiva em questão. Assim, as rupturas e os equívocos que surgem no processo de enunciação são de particular interesse à análise psicanalítica de discursos, mais especificamente àquela que se inspira no modelo dos quatro discursos propostos por Lacan.

Os discursos como laços sociais em Lacan correspondem às profissões impossíveis citadas por Freud (1923/1925) – governar, educar e psicanalisar. Governar simboliza o Discurso do Mestre (DM); educar, o Discurso Universitário (DU); e psicanalisar, equivale ao Discurso do Analista (DA) (QUINET, 2012). Lacan acrescentou mais dois discursos: fazer desejar, que equivale ao Discurso da Histórica (DH); e o fazer comprar como o Discurso Capitalista (DC) (QUINET, 2012).

Os arranjos produzidos entre significante mestre, o saber, o sujeito e do objeto *a*, temos os discursos na perspectiva lacaniana. Dunker, Paulón e Milán-Ramos (2016) nos indicam que a passagem de um discurso a outro gera um efeito residual e que é justamente neste espaço que se pode pensar a transferência, como um efeito da permutação entre os discursos. A possibilidade de desestabilizar certezas cristalizadas, promover espaço para a divisão subjetiva, de modo a privilegiar a construção de um saber próprio de seu inconsciente são pistas de como o discurso do analista pode surgir e, em certa medida, produzir um novo saber. Orientando-se pelo pressuposto de que a pesquisa em psicanálise só se faz como tal se o pesquisador a operar e privilegiar o discurso do analista - desestabilizando certezas, incluindo aí as suas próprias- temos um importante desafio de pensar os discursos enquanto formas de ordenação do gozo.

É justamente na passagem de um discurso a outro, nos giros e nas mudanças de posições ocasionadas nas enunciações da revista Nova Escola, que buscamos identificar

o efeito residual que se apresenta quando a questão são os diagnósticos relacionados aos adolescentes. Este efeito que nos conduz ao que tropeça, o que denuncia a falta, o que nos dá notícias sobre o impossível de educar que se apresenta nas publicações da Nova Escola.

Ao adotar a perspectiva de laudo enquanto elemento que faz parte do discurso dos especialistas, o lugar dos diagnósticos das áreas médicas e psicológicas nos discursos da revista apresenta-se com um ponto de análise. Este nos apresenta a possibilidade de investigar as alternâncias de posições e giros discursivos acerca de nosso objeto de estudo: o que se fala na revista Nova Escola sobre os diagnósticos relacionados a adolescentes.

Lacan (1969-1970/1992, p. 22), referindo-se ao discurso do mestre, demarca que “um verdadeiro senhor não deseja saber absolutamente nada - ele deseja que as coisas andem”. Este enunciado nos ajuda a marcar o que caracteriza, por exemplo, o DM no contexto da educação. Aquilo que é da ordem do sujeito, ou seja, o que se localiza na parte latente do discurso, fica recalcado. No DM, o saber recalcado é aquilo que é da ordem do singular, do particular de cada um, isto fica claro a partir da posição do \$ abaixo da barra, no lugar da verdade (LERNER, 2013). O sujeito barrado posicionado no lugar da verdade denuncia que algo do singular não pode atravessar o caminho das coisas, uma vez que o estas precisam andar, não podem parar, de acordo com o mestre. Neste sentido, não é incomum identificar o referido discurso associado à implementação de normas em uma instituição, por exemplo.

Se fizermos um giro no sentido horário nos elementos discursivos do DM, surge o DH. Neste discurso, o sujeito barrado está no lugar de agente e endereça ao outro a sua divisão, ou seja, demanda ao outro um significante mestre, que por sua vez produz um saber. Lerner (2013) ilustra este discurso a partir do sintoma da histérica, o qual remete-se ao inconsciente e, por isso, não se inscreve no discurso médico. Assim, o saber produzido pelo mestre falha e a histérica se ocupa em denunciar esta falha a fim de destituir o mestre. No laço que o DH institui, o mestre se vê forçado a produzir novos saberes, no entanto, estes jamais poderão recobrir o real do corpo da histérica (LERNER, 2013).

No Discurso da Histérica o que está em jogo é a incompletude. No lugar do agente, está o sujeito, o que produz um certo movimento em direção ao saber. O estatuto do saber assume uma posição diferente no DU. Neste discurso, a rede discursiva que constitui o saber (S2) está no lugar do agente do discurso e o outro a quem esta rede discursiva se endereça é o objeto *a*, produzindo assim um sujeito dividido. O lugar do objeto *a* como outro, aponta para a impossibilidade de se obter um saber formalizado. Assim no arranjo

do DU algo sempre escapa e resulta em um sujeito dividido e marcado por uma alienação do mestre (LERNER, 2013).

Lacan) nos diz que “a referência de um discurso é aquilo que ele confessa querer dominar, querer amestrar” (1969-1970/1992, p. 72). Em seguida ele introduz que o DA deve se encontrar “no polo oposto a toda vontade, ao menos confessa, de querer dominar”. O enlace que se dá no DA coloca o sujeito em uma posição que viabiliza a produção de significantes mestres singulares. Lacan (1969-1970/1992) ainda nos diz que o que está em questão na experiência de qualquer psicanálise é da ordem do saber e não do conhecimento ou da representação. Deste modo, o que se apresenta pela via do DA, “trata-se precisamente de algo que liga, em uma relação de razão, um significante S1 a um outro significante S2” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 30). Assim, a relação que o sujeito faz de um significante a outro é algo que se produz de modo particular, como uma espécie de apropriação do significante que produz um efeito de saber.

Voltolini (2001) remete ao DA, enquanto forma de intervenção na escola, quando se busca “escandir” o que aparece enquanto conflito, baseando sua intervenção na possibilidade de advir um saber ainda não sabido. O que está em jogo nos modos de intervenção do mal-estar é o saber. A possibilidade de intervenção diante do mal-estar que considera o DA, implica apontar para um saber que não se faz total, fechado, completo. A verdade que está em jogo é a do sujeito, que ocupa a posição de outro no DA.

A última modalidade discursiva apontada na teoria lacaniana refere-se ao DC, proposto em Milão em 1972, portanto é apontado após a discussão das demais modalidades discursivas abordadas por Lacan no seminário 17. O DC guarda em si uma questão. Ele não promove o laço social entre os seres humanos, uma vez que o laço não se dá entre o sujeito e o outro, como nas demais modalidades discursivas, mas entre o sujeito e o objeto a, fabricado pela ciência e pela tecnologia (QUINET, 2012). A sociedade orientada pelo DC se sustenta a partir da produção.

DC guarda em si a promessa de um gozo irrestrito e a demanda, cada vez maior, de consumo, a qual ocasiona sujeitos insatisfeitos, insaciáveis. Aflalo (2012) adverte sobre a responsabilidade dos psicanalistas no contexto em que a singularidade do sintoma desaparece em detrimento das generalizações derivadas das avaliações ditas científicas. Diferente do DM, que sempre quis que as coisas funcionassem sem que o sintoma se interpusesse no caminho, a “eficiência” da ciência, com suas generalizações, promete acabar com o que não está funcionando bem (AFLALO, 2012). A referida autora ainda

denuncia determinadas avaliações diagnósticas como um dos nomes do mal-estar contemporâneo.

Assim, O DC posiciona o sujeito dividido como dominante. No entanto esta posição do consumidor, pressionado pelo mais-de-gozar, ou seja, justamente por uma produção calculada para uma insatisfação e pela produção de mais significantes mestres, comunica-se diretamente em sentido invertido com a verdade. Deste modo a verdade se encontra-se alienada entre a produção (objeto *a*) e o consumo (S1) (DUNKER, PAULÓN, MILÁN-RAMOS, 2016). Esta engrenagem discursiva que é condicionada à insatisfação e à produção de novos significantes mestres tem sido uma modalidade de laço social muito presente nos modos de subjetivação contemporâneos.

Aflalo (2008) nos lembra que a função do significante-mestre é identificar o sujeito e, como efeito desta identificação, o sujeito se encontra não apenas capturado, mas petrificado. Ainda sobre os efeitos de S1, a autora nos aponta que este mortifica o gozo do corpo e, quando se encontra na posição agente do discurso, inscreve a castração que causa a divisão do sujeito. No DC, enquanto o sujeito barrado está localizado na posição dominante, agente e manifesta do discurso, o significante-mestre é recalcado. Aflalo (2008) marca duas consequências do efeito do DC enquanto via de subjetivação: produção de sujeitos “desbussolados”, apesar de não haver necessariamente a petrificação em uma única identificação; e sujeitos cada vez mais “entregues à palmatória do mestre absoluto”.

Sobre o momento atual da civilização, Miller (2011) em *Intuições Milanesas II*, faz referência ao S1 pluralizado e ao sujeito sem referência na sociedade regida pela lógica da globalização. Trazendo a definição de informação enquanto a maneira descontínua e fragmentada com que o significante chega às pessoas, o psicanalista aponta que diante da “overdose” de informação em que a sociedade globalizada se encontra, surgem estratégias subjetivas que restringem-se ao recolhimento em zonas limitadas de certeza. Neste contexto, seria possível localizar o lugar de relevo que os especialistas assumiram atualmente em nossa sociedade, mais especificamente nos discursos sobre como se aprende e como se vive a experiência escolar.

## CAPÍTULO 2 – INCURSÃO NA REVISTA NOVA ESCOLA: do ‘aluno por trás do laudo’ ao enigma da adolescência

A investigação sobre as categorias diagnósticas relacionadas à adolescência nos conduziu a um primeiro ponto identificado na incursão da Nova Escola: o termo diagnóstico nem sempre se refere à linguagem médica. Diante disto, buscamos identificar qual o termo utilizado nos discursos relacionados ao presente estudo e surgiu o termo “laudo”. Foi a partir de uma investigação sobre o laudo na Nova Escola que pudemos encontrar quais as categorias diagnósticas que aparecem nos discursos sobre a adolescência na revista em questão. Além do termo “laudo”, o termo transtorno também produziu elementos para análise.

O termo “laudo” é referido na maioria das publicações como um documento, algo de ordem burocrática, ou seja, como um documento que garante ajustes predeterminados no currículo e/ou na rotina do estudante. Esta predeterminação pressupõe uma universalização das intervenções pedagógicas e traz implicações nas relações escolares que são discutidas na Nova Escola. Já o termo “diagnóstico” aparece associado a uma investigação mais aprofundada do estudante, sem necessariamente ser relacionado à classificações do campo psicopatológico. Observar como os estudantes se organizam em grupos, qual o ritmo que estabelecem para responder uma prova ou como se dá a relação de confiança com os professores são exemplos de como se dá a perspectiva de diagnóstico enquanto um aprofundamento na observação do aluno.

A discussão sobre os laudos toma contornos relevantes na revista em 2012, ano que antecede a publicação do DSM – V em 13 de maio de 2013, a qual sofreu duras críticas. Ao demarcar o objetivo universalista desta edição, seu lançamento foi permeado por consistentes ressalvas por psicanalistas, movimentos sociais, escolas e também por pesquisadores (PASSARINHO, 2020). Neste cenário, o uso de medicações por estudantes que apresentam questões de comportamento e rendimento na escola passa a ser discutido:

*Um médico americano foi notícia recentemente ao propor que todas as crianças com problemas de comportamento e baixo rendimento escolar tomassem remédios indicados para o tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade (TDAH), mesmo que sem terem sido diagnosticadas com o transtorno. Por mais absurda que a teoria seja, já está se formando uma corrente de profissionais que acreditam nela e o tema tem ganho espaço dentro e fora dos Estados Unidos.*

*Quem apoia a medida argumenta que o esforço e o investimento na Educação das crianças são ineficientes, muito trabalhosos ou excessivamente custosos. A saída mais*

*prática e rápida, então, é usar medicamentos que, alterando a atividade neuroquímica dos estudantes, **controlem suas atitudes e domem seus impulsos.***

*(...)*

*Vale lembrar ainda que a escola não trabalha com **laudos**, mas com alunos. **Não é aceitável se basear em um laudo médico para ensinar mais ou menos a uma criança.** Todos têm direito à Educação e quem precisa da ajuda de um medicamento não pode ser taxado como "aquele garoto ou garota que toma remédios e que, portanto, não é capaz de aprender"(Nova Escola, Outubro de 2012).*

Nesta ocasião, a discussão sobre dos efeitos do laudo na orientação do ensino dos professores começa a ser mais debatida nas publicações. Além da articulação entre o laudo e o uso de medicação, a preocupação com uma certa “adjetivação” do estudante que faz uso das medicações ou que é diagnosticado também é situada.

Partindo da concepção de que o sintoma é articulado com um não-funcionamento do laço social para o Outro, Santiago (2008) aponta que a nomeação em forma de diagnóstico poderia equivaler para um sujeito como uma possibilidade de identificação, a uma oferta de gozo. Apesar desta não ser uma publicação sobre estudantes adolescentes, é importante pontuar que a possibilidade de identificação com o nome dado pelo laudo, tem um lugar particular na adolescência, operação que demanda uma ampliação de referências para além do contexto familiar.

A Nova Escola segue acentuando um enigma através da linguagem: a diferença no estatuto assumido pelos significantes “laudo” e “diagnóstico” na edição de setembro de 2017. Ora laudo se equivale a diagnóstico, ora se apresenta como o avesso deste. Partindo deste ponto, iniciamos uma incursão na Nova Escola para investigar como o diagnóstico toca o que se fala sobre o estudante adolescente de nosso tempo.

Na referida edição de setembro de 2017, a edição 305 da revista digital Nova Escola abordou de modo consistente a referência ao termo ‘laudo’ com uma conotação negativa, e trouxe esta perspectiva desde sua capa:



(Nova Escola, setembro de 2017)

A imagem da capa abre uma série de leituras referentes ao uso de categorias diagnósticas presentes no DSM, como ansiedade e dislexia, por exemplo, – que marcam sua presença na revista. A referência a um olhar “para além do diagnóstico” faz um convite aos leitores. Porém, a imagem de um laudo rasgado para dar lugar ao olhar de uma aluna é o que demarca, nesta ocasião, a posição tomada pela edição da revista. Esta posição é situada pelo editor no texto “Um bom professor não usa o laudo como desculpa”. Assim, o papel do laudo na escola é problematizado:

*Mesmo entre nossos melhores professores, nas melhores escolas, com as melhores condições de trabalho, os laudos se propagam como fogo em palha seca. Percebemos esse movimento recentemente. Aparece no nosso site, nas redes sociais, nos encontros com leitores. "Esse aluno tem um laudo", "essa aluna ainda não tem laudo, mas precisa", "é certamente um caso de laudo". Aos poucos, a linguagem médica capturou a pedagógica.*

*Não há nada de errado em aprender com outras áreas do saber. É ótimo contar com o conhecimento de especialistas para identificar problemas que nós, por formação, não conseguimos. É justamente isso: contamos com (ou seja, somamos). Não se trata de obrigar ou limitar. Um laudo não deveria diminuir as expectativas que temos sobre os alunos. Deveria, apenas, acrescentar uma informação sobre como lidar com as pessoas. O problema é que o contar virou limitação (Nova Escola, 2017).*

Ter ou não ter um laudo. Eis a questão que se coloca para os leitores da Revista Nova Escola em setembro de 2017. Neste contexto em que “a linguagem médica capturou a pedagógica” os discursos sobre o laudo apontam para o mal-estar na educação? Em uma

pesquisa que estudou a Nova Escola em anos anteriores, Guarida (2009) também aponta para um movimento dos profissionais das escolas que parecem ter a expectativa de que um diagnóstico realizado por especialista indique uma metodologia de ensino eficaz, no entanto quando recebem os diagnósticos não encontram uma receita pedagógica que ensine como ensinar e assim se frustram. Deste modo, a gramática proposta no laudo não daria conta de nomear o impossível que parece incontornável na sala de aula.

O contexto em que o autor da matéria afirma que o educador não precisa esperar um documento específico, como o laudo, para orientar o andamento da sala de aula, nos apresenta o impasse dos docentes no que concerne a uma apropriação das orientações contidas nos laudos. Sobre a necessidade do laudo, a fim de promover intervenções em sala de aula para estudantes que demandam adaptações na rotina escolar, a nota técnica nº04/2015 do Ministério da Educação (MEC) orienta que:

(...) não se pode considerar imprescindível a apresentação de laudo médico (diagnóstico clínico) por parte do aluno com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, uma vez que o AEE caracteriza-se por atendimento pedagógico e não clínico. **Durante o estudo de caso, primeira etapa da elaboração do Plano de AEE, se for necessário, o professor do AEE, poderá articular-se com profissionais da área da saúde, tornando-se o laudo médico, neste caso, um documento anexo ao Plano de AEE. Por isso, não se trata de documento obrigatório, mas, complementar, quando a escola julgar necessário.** O importante é que o direito das pessoas com deficiência à educação não poderá ser cerceado pela exigência de laudo médico (BRASIL, 2014, grifo nosso).

A proposta de Atendimento Educacional Especializado (AEE), conforme definição do MEC, é referida quanto a sua natureza pedagógica e não clínica. Retomando o ponto da matéria da Nova Escola em 2017, em que o “discurso médico captura o pedagógico”, temos mais uma vez a marca da alteridade entre o que é próprio do campo médico e o que é próprio do campo pedagógico. A repetição da demarcação da distinção entre pedagógico e clínico corrobora a importância de investigar os elementos que estruturam os discursos dos docentes relacionados aos diagnósticos de estudantes

Ainda sobre a relação que o laudo implica na sala de aula, a matéria de capa da edição 305 intitulada “Por trás do laudo existe um aluno” situa que:

*Para os professores, uma frustração comum é o fato de que o **laudo, por si só, não resolve os problemas de aprendizagem.** E vem a sensação de impotência. "Como a profissão é desvalorizada, o próprio docente se sente desautorizado a educar. É um equívoco",*

defende Maria da Paz. "Esse é o âmbito sobre o qual ele tem o domínio, e isso não deve ser delegado ao médico e ao terapeuta", diz.

**Por isso, a especialista defende que o educador não precisa esperar o documento para pensar nas estratégias de sala de aula.** Do ponto de vista pedagógico, o laudo compõe um conjunto maior de informações sobre a maneira como o aluno se porta em sala e como aprende. "O registro indica o tipo de tratamento a fazer, mas não ensina como alfabetizar, por exemplo. Ele ajuda a conhecer a criança um pouco melhor, mas não é e nem pode ser um currículo", afirma Maria da Paz (Nova Escola, 2017)

Os impasses na sala de aula sobre o ensino da escrita descrito na matéria de capa remetam à noção de um impossível da transmissão, próprio da educação. O que seria a transmissão na educação? Certamente se relaciona ao conteúdo do currículo, cultura, ideias, mas sobretudo uma transmissão revela os objetos mais valorizados e investidos de sublimação no mundo (SANTIAGO, 2008). O apontamento da edição de setembro de 2017 sobre a forma que "o discurso médico capturou o pedagógico" aponta para a alteridade entre o discurso médico e pedagógico e para uma desapropriação do professor em relação às práticas pedagógicas que poderiam conduzir as relações de transmissão que se dão em uma sala de aula.

Após a identificação das particularidades das nomeações utilizadas pela Nova Escola para referir-se a forma como os significantes produzidos pela ciência médica e psicológica produzem efeitos no trabalho docente, foi possível realizar o levantamento de publicações na revista Nova Escola de modo mais específico sobre adolescência.

O modo como a linguagem médica se apresenta nos discursos pedagógicos sobre o adolescente, foram elaborados três eixos para análise. O primeiro é composto por matérias que se dedicam a desvendar o enigma do que é ser adolescente, assim foi intitulado "*A adolescência e suas (in)definições*". O segundo eixo foi nomeado utilizando expressões dos títulos de duas das publicações da própria revista: "*A nova onda de diagnósticos: como anda a saúde mental nas escolas?*". O último eixo de análise toma como fio condutor alguns elementos concernentes às manifestações do mal-estar na escolarização dos jovens. Assim, o título "*Sinal amarelo: questões sobre a adolescência de nosso tempo*" remete-se às edições especiais sobre a campanha do Setembro Amarelo que dão um relevo especial aos estudantes do Ensino Médio e do Ensino Fundamental – Anos Finais.

### *A adolescência e suas (in)definições*

O presente eixo de análise é composto por sete publicações que se dedicam a esclarecer aos leitores da revista quais as particularidades do estudante adolescente e dar subsídios à prática dos professores em situações na sala de aula, criar vínculos e proporcionar espaços de aprendizagem que considerem os aspectos relacionados a estes estudantes de modo específico. Nesta direção, é válido situar que ao realizar recorte para a adolescência proposto na presente pesquisa, a proposição de Coutinho (2009) concernente à adolescência se fez pertinente. A autora aponta que esta encarna os impasses de sua cultura e, por isso, nos convoca a pensar sobre ela. Neste sentido, a discussão em torno do diagnóstico e seus efeitos na construção de narrativas do sofrimento psíquico não é algo próprio da adolescência, mas da sociedade em que ela se localiza. A noção da adolescência como um conceito construído simultaneamente na cena fantasmática do próprio sujeito e em seu cenário social (COUTINHO, 2009) possibilita compreender a escola como um espaço privilegiado para investigá-la.

Coutinho (2009) fez uma análise sobre o lugar paradoxal da adolescência na contemporaneidade apontando que historicamente, a infância passou a ser investida por adultos com o intento de preparação para o futuro objetivando o êxito de suas metas. À medida que este tempo de preparação foi se prolongando, surge a adolescência como produto de uma dissolução das fronteiras entre as diversas faixas etárias, passando a tornar-se um ideal cultural (COUTINHO, 2009). A adolescência, como um ideal cultural, aparece quando os próprios adultos almejam um retorno à adolescência em busca da juventude ou quando crianças anseiam pela chegada deste momento enquanto um efeito de convivência com os adultos que idealizam a adolescência (CALHEIROS SANTOS; ZANOTTI, 2013). Diante disto, a adolescência também passa a ser discutida por profissionais da educação e, neste sentido, conhecer os elementos que caracterizam o adolescente é um ponto que aparece nos discursos da revista Nova Escola.

Partindo do recorte desta pesquisa, durante o estudo da Nova Escola, buscou-se conhecer como a adolescência é referida nas publicações desta revista. Assim, considerando o público-alvo em questão, composto por educadores, seria possível conhecer as questões que permeiam este tempo e os desdobramentos para as práticas dos docentes. Nesta busca, surgiu um convite à psicanálise para falar sobre a adolescência.

As primeiras publicações identificadas no levantamento deste eixo de análise foram divulgadas em 2010. Três matérias da autora Ana Rita Martins no site da Nova Escola convidam autores da psicanálise a dialogar sobre aspectos da puberdade. O convite aos psicanalistas funciona do mesmo modo que o convite feito aos especialistas: trazer um saber que se direciona para a atuação de professores e demais atores da escola sobre como conduzir as demandas que surgem dos sujeitos que frequentam este espaço.

Temas como a busca da identidade na adolescência, a importância de pertencer a grupos nesta fase da vida e uma expressão relacionada à adolescência: “hormônios à flor da pele” surgiram nas publicações que se basearam nas construções freudianas. A seguir, alguns trechos das publicações mostram como as construções freudianas foram abordadas e uma espécie de caracterização da adolescência.

*A adolescência é como um renascimento, marcado, dessa vez, pela revisão de tudo o que foi vivido na infância.*

*(...)A dificuldade em lidar com o corpo está diretamente relacionada à nova relação que o jovem tem de construir com seus pais. Isso porque, na adolescência, o amadurecimento sexual faz com que o Complexo de Édipo, descrito pelo criador da Psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), seja revivido.*

*De acordo com Freud, a criança desejaria inconscientemente tomar o lugar da mãe ou do pai no par amoroso. Como eles são as primeiras referências masculinas e femininas que a criança tem, ao querer substituir uma delas, a relação com o "concorrente" fica confusa, alternando-se entre o amor e ódio - o que pode, mais tarde, fazer com que a pessoa tenha dificuldades no relacionamento amoroso. Se a criança aceita o fato de não poder se unir ao pai ou à mãe, ela passa a lidar de forma equilibrada com as duas referências e internaliza a proibição do incesto (Nova Escola, março de 2010).*

*Não é exagero dizer que a entrada em um grupo é um acontecimento inevitável na passagem da infância para o mundo adulto. Faz parte do processo de elaboração da identidade. Quando chega a puberdade, o adolescente não se contenta mais apenas com a rede protetora da família e busca fora de casa outras referências para se formar como sujeito.*

*(...)*

*Na escola, corredores e salas de aula costumam ficar apinhados de adolescentes que se vestem, se penteiam e falam de forma parecida. Em seu trabalho *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, o fundador da Psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), diz que a pessoa só pertence a um grupo quando entra num processo de identificação com os outros, ou seja, quando constrói laços emocionais com base em objetos reais ou simbólicos compartilhados.*

*(...)*

***Você pode aprender muito sobre o universo adolescente olhando a constituição das rodinhas em sala. Não se trata, óbvio, de tentar falar a linguagem dos jovens, vestir-se como eles ou fazer-se de amigo. O objetivo é observar em torno de quais ideias e valores eles se reúnem, incentivar suas boas práticas e, eventualmente, aproveitar alguns temas***

*próximos de sua realidade para a discussão (desde que, é claro, estejam a serviço da aprendizagem).*

*No trabalho *Três Ensaios sobre uma Teoria da Sexualidade*, o fundador da psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), mostrou a importância do tema para a formação do psiquismo humano. Ele escreveu que é por meio do prazer que sente nas várias partes do corpo que a criança organiza a própria existência. Na adolescência, com a explosão hormonal, o prazer deixa de existir apenas em relação a si mesmo e passa a se dirigir ao outro e a depender de seu olhar. (Nova Escola, abril de 2010)*

As três publicações que fazem um convite à psicanálise para abordar o enigma da adolescência buscam dar recursos metodológicos aos professores para que estes possam lidar com os impasses da adolescência. Seja, observando os alunos em seus grupos ou dialogando sobre as transformações da puberdade, a lógica da Nova escola de ensinar aos leitores/educadores da revista algo sobre os alunos também aparece nas publicações com referências à psicanálise.

Freud (1925/1966) nos alertou em seu ensino sobre a impossibilidade de a psicanálise ser uma forma de substituta para a educação. Podemos dizer que a natureza distinta entre educação e psicanálise foi marcada em sua obra. Logo, a contribuição não se encontraria em um método, mas em uma posição do educador nas relações estabelecidas com os alunos. Uma importante contribuição que ensino da psicanálise traz à atuação dos professores é análise do próprio educador (FREUD, 1933/1996). Este seria um ponto fundamental na posição ocupada por ele na relação com seus alunos. O fato de a psicanálise operar a partir da verdade do sujeito, não possibilitaria ao professor a elaboração de um método de abordagem dos alunos que seja fixo, uma vez que inconsciente particulariza cada um deles.

Destacamos aqui os esclarecimentos sobre os fatos da vida sexual pela escola, indicado pela autora convidada da revista quando orienta os leitores:

(...)

***Para aplacar a angústia que isso pode causar, é importante o professor, independentemente da disciplina, estar aberto ao diálogo para poder explicar as transformações provocadas pela puberdade. Esse é o melhor caminho para ajudar os adolescentes a encarar com mais naturalidade todas essas situações que fogem ao seu controle - do surgimento de pelos faciais ao crescimento de genitais e seios, passando por ereções involuntárias e outras manifestações da sexualidade nascente (Nova Escola, junho de 2010).***

Na obra *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* Freud (1905/2016), faz algumas articulações entre a experiência escolar e a sexualidade. Sobre a origem da

pulsão de saber ou de investigar, o autor nos traz: “é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles” (FREUD, 1905/2016 p. 99). Mais adiante, pontua que o enigma que algumas crianças propõem aos professores, em geral, relaciona-se com o desabrochar da sexualidade. Assim, “Nos escolares, o pavor de fazer uma prova ou a tensão diante de uma tarefa difícil de solucionar podem ser importantes não só para seu relacionamento com a escola, mas também para a irrupção de manifestações sexuais” (FREUD, 1905/2016, p.105).

A relação entre o que se apresenta como enigma para os professores dentro da escola e o desenvolvimento sexual dos sujeitos indica que a própria experiência de frequentar a escola promove efeitos na constituição subjetiva dos sujeitos. Neste sentido, Freud (1905/2016) refere-se à escola como um contexto possível aos estudantes para o encontro com a sexualidade.

Numa carta aberta endereçada ao Dr. M. Fürst, Freud (1907/1996) responde à indagação sobre a necessidade de esclarecer às crianças sobre os fatos da vida sexual, e, se viesse ao caso, quando este esclarecimento isto deveria ocorrer. Freud pontua que “é dever das escolas não evitar a menção dos assuntos sexuais” (FREUD, 1907, p. 69). Apesar de não ser um texto dedicado à relação entre psicanálise e educação, a escola aparece enquanto pano de fundo de uma discussão tão importante da obra de Freud. Deste modo, mais adiante, a fase que hoje corresponde ao final do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, por volta dos dez anos de idade, é apontada por Freud como um momento interessante para o esclarecimento das questões relacionadas à sexualidade humana, bem como de sua significação dentro do campo social (FREUD, 1907/1996). Este momento da vida estudantil indica a relevância do presente estudo, considerando a escola como um dos espaços em que o encontro com a puberdade se opera.

Freud conclui que “Um esclarecimento sobre a vida sexual que se desenvolva de forma gradual, nos moldes que acima descrevemos, sem interrupções e por iniciativa da própria escola, parece-nos ser o único que leva em conta o desenvolvimento da criança e que consegue evitar os perigos que estão envolvidos.” (FREUD, 1907, p. 69). Assim, Ana Rita Martins, partilha com os leitores da revista Nova Escola elementos da teoria freudiana, buscando esclarecer as questões sobre a adolescência em 2010. É válido situar que esta autora não foi identificada em nosso levantamento nos anos posteriores

analisados, no entanto o tema da puberdade aparece em um plano de aula dedicado a trabalhar este conceito com alunos dos leitores da revista em 2017.

A proposta de aula apresentada pela Nova Escola é creditada a Maria Helena Vilela, que na ocasião é identificada como diretora executiva do Instituto Kaplan onde coordena a área de Educação Sexual. O objetivo proposto é “promover o conhecimento dos alunos em relação às mudanças físicas, aos caracteres sexuais primários e secundários na puberdade” (Nova Escola, setembro de 2017). Assim, a atividade desenvolve-se quando

*O educador pede que cada participante fale em uma frase: Puberdade é... A ideia é estimular os alunos a interpretar as informações discutidas na atividade para a construção de um conceito positivo sobre esse período construir. Com base na participação dos grupos e nas frases, avalie se os alunos conseguem falar com objetividade sobre as mudanças que estão enfrentando (ou que ainda vão enfrentar) e se aprenderam a explicar, cientificamente, o que é a puberdade (Nova Escola, setembro de 2017).*

O espaço para a elaboração de narrativas sobre o que se passa com o corpo na puberdade e o que se apresenta como questão para o sujeito inserido na realidade escolar é um ponto que ressalta a importância do lugar da palavra no contexto da escolar. Coutinho e Pisetta (2014) apontam para um esvaziamento da palavra atualmente, assim como para a relevância de refletir sobre seus limites e alcances no contexto da educação. Neste sentido, uma outra publicação da Nova Escola convoca seus leitores a promover “Menos sermão e mais diálogo com os adolescentes” em dezembro de 2015, partindo da usual preocupação dos educadores com os comportamentos de risco dos adolescentes.

*Para muitos educadores, a adolescência é sinônimo de preocupação. Paixões, rebeldia, crises existenciais e exageros associados a essa fase aumentam a vulnerabilidade desse grupo. Não é raro que os jovens se envolvam em situações que colocam a saúde ou mesmo a vida deles e de outras pessoas em risco. A fascinante descoberta sexual pode gerar uma gravidez não planejada ou uma doença sexualmente transmissível (DST), por exemplo. Em muitos casos, a curiosidade em experimentar sensações diferentes leva ao consumo desmedido de drogas ilícitas ou bebidas alcoólicas, resultando em sequelas graves e até na morte. Tais circunstâncias estão ligadas à impulsividade e à busca pelo prazer imediato.(Nova Escola, dezembro de 2015).*

Em seguida a professora de psicologia, Telma Vinha, marca o papel da escola como um espaço possível para a circulação da palavra e potencial possibilidade de obtenção de informações pelos jovens:

*(...)nem só de perigos vivem os adolescentes. As mesmas características que levam a comportamentos arriscados podem gerar atitudes construtivas. Nesse sentido, a escola tem uma importante contribuição a fazer, pois pode ser um lugar em que eles obtêm*

*informações desprovidas de julgamentos morais, convivem com pessoas que passam pelos mesmos dilemas e são expostos a formas variadas de se relacionar com o sexo, o álcool e as drogas, que às vezes são diferentes das aprendidas na família e na comunidade.*(Nova Escola, dezembro de 2015).

A noção de que “comportamentos de risco” permeiam as narrativas sobre o adolescente na escola também aparece em estudos orientados pela clínica psicanalítica contemporânea. Neste sentido, Viola e Vorcaro (2015) sinalizam que o sintoma na adolescência atualmente tem como dimensões a prevalência de respostas em ato; o mal-estar no contexto escolar– que se apresenta através do fracasso escolar, da decadência da figura do professor como ideal e do fenômeno do *bullying*– e, por fim, as autoras apontam a incidência da classificação diagnóstica enquanto efeito do discurso cientificista sobre os jovens. Em uma publicação mais recente (VIOLA; VORCARO, 2018), as autoras complementam esta questão, afirmando que os adolescentes estão cada vez mais expostos à angústia e aos seus efeitos, como a passagem ao ato, as adições e os atos de marcar o corpo.

Santos e Sadala (2013) vinculam a adolescência a duas fontes permanentes de sofrimento para o homem – já apontadas por Freud em 1930 na obra *Mal-estar da Civilização*: a fragilidade do corpo e as relações humanas. As autoras (SANTOS; SADALA, 2013) complementam esta construção justificando que, diante da transformação e dos mal-entendidos familiares gerados pela separação gradativa da autoridade dos pais, o sujeito adolescente sofre. E, diante do sofrimento, ele pode buscar o isolamento e até mesmo fazer inscrições no corpo - seja para marcar o que entende como seu, seja para tentar pertencer a um grupo.

O ato de marcar corpo aparece em uma matéria de junho de 2017 e é nomeada como *Cutting*, expressão da língua inglesa que é traduzida por “corte”. A publicação também aborda este tema utilizando o termo “automutilação” e é iniciada com o relato de uma leitora da revista:

*“Uma aluna de 10 anos puxou as mangas da blusa de frio perto de mim. Vi umas marcas de corte no seu braço e aquilo me deu um gelo na barriga. Me chamou a atenção e busquei os cadernos da aluna. Lá, tinham letras de funk pesadas, poemas tenebrosos, muita coisa sobre morte e abuso sexual. Os registros não condiziam com a realidade aparente da família e com a própria postura da menina. Ela era reservada, mas tinha boas notas e comportamento excelente.”*(Nova Escola, junho de 2017)

Neste contexto, a automutilação aparece associada a temas como saúde mental, *bullying*, nudez e suicídio. A autora Laís Semis especifica que professores e gestores

leitores endereçavam à revista narrativas sobre estes temas de modo recorrente naquela ocasião. No entanto ela ressalta que

*Crianças e adolescentes que se cortam talvez tenha sido o tema mais puxado pelos educadores presentes. Apesar de ser mais comum na forma de pequenos cortes pelo corpo, a automutilação consiste em qualquer autolesão, como queimar-se, morder-se ou bater-se. (Nova Escola, junho de 2017)*

Diante do exposto, um psiquiatra é o especialista convidado para trazer orientações e possibilidades de leitura sobre a questão:

*Apesar de não necessariamente haver um transtorno psiquiátrico, geralmente há uma tristeza envolvida. “O educador deve ter muita sensibilidade ao buscar saber o que está se passando com o jovem, e uma pergunta importante é a respeito do jovem ter pensamentos suicidas. Esta pergunta é importante, pois uma parcela das pessoas que se cortam tem a intenção do suicídio”, alerta o especialista.*

Ainda que o entrevistado não aponte a automutilação como categoria diagnóstica, ou seja, como transtorno psiquiátrico, podemos dar relevo a outros pontos de sua fala. Ao buscar trazer um conteúdo sobre automutilação, o convidado traz elementos do discurso médico para pensar uma inquietação que produz, lacuna, desarranjo, falta de repertório no discurso pedagógico trazido pelos leitores e pela própria revista. A seguir, o banner, exposto na Nova Escola, com algumas instruções sobre como diagnosticar o clima escolar, a fim de prevenir algumas das respostas em ato citadas:

**CLIMA ESCOLAR**

**#4** Não deixe para agir depois!  
Quando um caso é identificado, a intervenção deve ser imediata. Ao se omitir, você compactua para que o problema se perpetue, podendo atingir dimensões psicológicas ou físicas mais intensas para a vítima.

**#8** Crie canais de apoio com sugestões dos estudantes.  
Também é importante discutir com a comunidade a diferença entre "denúncia" e "denúncia". A primeira pode ser censurada, colaboradora, construtiva ou geradora e ser inibidora dessas ações.

**#12** Preocupe-se com o que ocorre do portão para fora.  
Independente de onde o conflito começa, a repercussão acontece dentro da escola e o papel de cada qualitar uma comunidade na qual todos as relações são respeitadas.

**#1** Saiba o que a comunidade pensa sobre o clima escolar.  
É possível que a percepção de professores e gestores seja diferente da dos estudantes. Às vezes, os jovens não se sentem à vontade para expor os problemas, e cabe uma atenção diferenciada e a ouvir nos acontecimentos cotidianos.

**#5** Desenvolva um trabalho de prevenção.  
Não é preciso que um caso de violência, bullying, cutting ou suicídio aconteça para criar consciência na comunidade sobre os temas. Entre assessor o papel do bombardeio, são pontos iniciais, mas essenciais.

**#9** Respeite o que está sendo confidenciado a você.  
A família vai ser informada caso a situação se desdobre em algum tipo de violência física ou com a autorização dos envolvidos. Além, você garante a confiança de quem e cria um espaço de diálogo futuro.

**#13** Troque a punição pela responsabilização.  
Privilégio institucional que promovam a mudança do comportamento honesto e o entendimento das consequências, em vez de sigilo de uma sanção sem conversa e sem relação com o ato.

**#2** Esteja atento a sinais de isolamento e baixa autoestima.  
Mudanças de comportamento podem ter relação com situações que o estudante está vivendo, no ambiente escolar ou fora dele, que afetam seu aprendizado e o convívio com colegas e professores.

**#6** Não se limite a ações pontuais.  
Em momentos planejados, há espaço garantido de atuação. Mas questões de convivência surgem no cotidiano, e a escola precisa ter percepção para agir. O trabalho deve ser permanente.

**#10** Compreenda as dinâmicas.  
Conhecer diferentes modos de resolver conflitos e entender os motivos que provocam determinados comportamentos, e as consequências deles, são essenciais para resolver cada caso.

**#3** Tenha uma atitude acolhedora se algo não vai bem.  
A escola sensível e respeitosa ajuda o aluno a se sentir reconhecido no ambiente. Coloque-se no lugar do outro, reflita sobre os sentimentos que estão por trás das palavras e ajude-o a clarear ideias confusas.

**#7** Envolve os alunos na solução dos problemas.  
Crianças e adolescentes se sentem mais confortáveis ao se dividir com os colegas, por medo de julgamento ou punição dos adultos. Que tal implementar na escola um grupo de apoio entre pares?

**#11** Capacite a equipe para a mediação de conflitos.  
O combate ao bullying ou a outras situações conflitantes é um trabalho de toda a comunidade escolar e requer um protocolo de atuação em relação ao diálogo, a postura e aos encaminhamentos.

**PARA SABER MAIS**  
<http://novaescola.com.br/tema-de-dia/bullying>  
<http://novaescola.com.br/tema-de-dia/cyberbullying>  
<http://novaescola.com.br/tema-de-dia/psicologia>  
<http://novaescola.com.br/tema-de-dia/psicologia>

**nova escola** **gestão escolar**

Texto: Luis Sente e Naitim Bernardo  
Edição: Estela Jorio  
Design: Lucas Magalhães

(Nova Escola, junho de 2017)

A operação psíquica própria do sujeito adolescente produz efeitos que marcam a experiência escolar dos estudantes e convocam a Nova Escola a dialogar com os leitores sobre estes efeitos. O sociólogo e antropólogo David Le Breton (2018) nos diz que o sofrimento próprio da adolescência nasce da diferenciação do advento de si e, neste sentido, o jovem se vê ameaçado diante de um contexto que limita sua margem de manobra sobre o mundo e que altera de modo substancial seu prazer de viver. Assim, mais do que qualquer outro período da vida, esta passagem é permeada por dúvidas, turbulências e questionamentos sobre o sentido da vida (LE BRETON, 2018). A falta de repertório para lidar com as questões ocasionada por uma nova fase da vida, ainda que esta fase seja estabelecida pela sociedade, impõe ao sujeito um investimento considerável para se situar dentro de sua própria história.

A adolescência é abordada em uma matéria de setembro de 2016 como “*A hora de se estabelecer na vida e na escola*”. Para situar o modo como se dá este momento, a matéria faz um paralelo com a série de livros e filmes Harry Potter, e convida o psicanalista Christian Dunker e a neuropsicóloga Ana Paula Macchia.

*Alguns professores torcem o nariz quando ouvem falar de Harry Potter. Outros acham que o bruxo pode estimular o gosto pela leitura. Mas é fato que a evolução do personagem (sucesso nos livros e no cinema) ajuda a entender a passagem da infância para a adolescência e o início da vida adulta. "Os desafios enfrentados pelo garoto são muitos. Impostores são reconhecidos, falsos aliados se revelam, amigos inusitados aparecem no lugar de outros tidos como insubstituíveis", descreve o psicanalista Christian Ingo Lenz Dunker, da Universidade de São Paulo (USP). No decorrer da saga, os cenários vão ficando mais sombrios. "O rito de passagem é sintetizado no momento em que Harry quebra a varinha que reunia 'todos os poderes'. Virar adulto é descobrir que isso não existe."* (Nova Escola, setembro de 2016)

Em seguida, o Ensino Médio é situado como a etapa escolar que “coincide” decididamente com a adolescência, uma vez que não haveria um momento específico para demarcar o seu início ou o fim. No entanto, a última etapa do ensino regular se apresenta com uma série de demandas de posicionamentos e escolhas aos estudantes, marcando a operação para a vida adulta.

*A pressão para passar no vestibular e/ou a necessidade de entrar para o mundo do trabalho são apenas dois dos desafios que o jovem enfrenta nessa fase. Daí a necessidade de entender melhor o que se passa com os estudantes para poder ajudá-los a seguir em frente de forma mais tranquila e segura. "A adolescência é também um momento de luto", define a neuropsicóloga Ana Paula Cuocolo Macchia. "É o luto pela perda do corpo da infância, que agora virou algo desengonçado e que ele não domina. Luto pela perda dos pais como ele conhecia, que não vão mais tratá-lo como bebê. Luto pela infância perdida, enfim."* (Nova Escola, setembro de 2016)

A matéria é finalizada respeitando a estrutura que geralmente se apresenta na Nova Escola: após o convite aos especialistas para dialogar sobre a problemática, a matéria é encerrada com prescrições e/ou sugestões de possibilidades de atuação do professor em sua sala de aula.

*E o que fazer no dia a dia? Psicólogos afirmam que o mais importante é ter flexibilidade. "O adulto não pode ficar engessado no papel de responsável, líder, mestre", afirma Ana Paula. Mas isso não significa querer ser um igual, um adolescente. "Não há nada pior do que a negação da diferença existente entre a instituição escolar e os alunos", diz Dunker. Ou seja, cada qual com seu papel. À escola (diretor, coordenadores, professores) cabe abrir espaço para as manifestações dos adolescentes - no grêmio estudantil, em apresentações de música, em feiras culturais ou qualquer outra forma de expressão. Com participação, colaboração e escuta, a entrada no mundo dos adultos será (um pouco) menos complicada.* (Nova Escola, setembro de 2016).

Ainda sobre a experiência dos jovens no ensino médio, é importante mencionar uma matéria de 2013 sobre a relação dos estudantes com o ensino médio e uma perda de sentido em estar na escola é referida não apenas sobre a vivência dos estudantes, mas também a dos professores.

*O estudo investigou o tipo de relação que os jovens estabelecem com as escolas de Ensino Médio. Entre os dados colhidos, chama a atenção a dificuldade que eles têm de atribuir sentido às disciplinas e aos conteúdos estudados.*

(...)

*"Enquanto os alunos dos anos finais do Fundamental reclamam da indisciplina da própria turma, os do Médio focalizam a insegurança da escola como um todo", compara Gisela Tartuce, uma das coordenadoras da pesquisa. "Mas, em ambos os estudos, mesmo que apareçam restrições à conduta docente, os estudantes valorizam seus professores e reconhecem as dificuldades do trabalho deles." Segundo Gisela, outras pesquisas sustentam que **"a perda do sentido de estar na escola"** atinge também os educadores. Na visão de alguns, os jovens são, em sua maioria, consumistas, imaturos e alienados.* (Nova Escola, Janeiro de 2013)

Diante do exposto, é possível inferir que a psicanálise é tomada como uma das especialidades convidadas a contribuir com a discussão sobre quem é o sujeito adolescente para os leitores, autores e editores da revista. As publicações analisadas indicam o modo como a adolescência se apresenta como enigma aos leitores/educadores. Algo que demanda escuta e abertura para espaços de narrativa. A revista mostra-se como um desses espaços que possibilitam uma elaboração àquilo que foge ao repertório pedagógico. Assim, os especialistas surgem como vetores ao contribuírem na construção deste espaço elaborativo. Tomando, o convite aos especialistas como ponto

importante desta incursão, a seguir abordaremos aspectos diretamente relacionados aos diagnósticos que surgem relacionados à adolescência, dando relevo à relação entre o discurso médico e o pedagógico.

### ***A nova onda de diagnósticos: como anda a saúde mental nas escolas?***

A elaboração do presente eixo de análise orientou-se pela identificação das categorias diagnósticas relacionadas de modo específico à adolescência nas publicações da Nova Escola. Assim, foram encontradas publicações sobre Transtorno Desafiador de Oposição (TOD), Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Ansiedade e depressão. A expressão “saúde mental” também se mostrou importante no mapeamento das referidas publicações.

O Transtorno Desafiador de Oposição foi uma categoria diagnóstica discutida de modo específico em duas publicações. A primeira em 2015 escrita por Catarina Ivelberg e a segunda publicação foi elaborada por Ana Carolina D’Agostini, ambas psicólogas com especialização em psicologia escolar. A publicação de 2015 apresenta o TOD como causador de uma “nova onda de diagnósticos psiquiátricos na escola, relacionando ao aparecimento de um considerável número de diagnósticos de TDAH.

*De tempos em tempos, diagnósticos psiquiátricos avançam pelas portas das escolas feito ondas enormes. As instituições são tomadas por um discurso que indica a medicalização da infância. Testemunhamos crianças serem tratadas com drogas que visam a extinção de um comportamento inadequado ou uma melhor performance na aprendizagem. Há alguns anos, a bola da vez era o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). Já discutimos nesta coluna os cuidados educacionais e pedagógicos necessários quando recebemos **alunos com esse rótulo**. (Nova Escola, Agosto de 2015).*

Além de situar o debate do TOD em um contexto de crescente medicalização da infância e utilizar a expressão “aluno com esse rótulo” para se referir à nomeação ocasionada pelo diagnóstico, Carolina Ivelberg convida os leitores da revista a indagar sobre um certo excesso por parte dos médicos no diagnóstico de estudantes.

*O novo quadro clínico que surge nas salas de aula é o **transtornopositor desafiador (TOD)**, também conhecido como transtorno de oposição. De uma hora para outra parece haver um tsunami de diagnósticos desse tipo e, primeiramente, **cabe indagar, em paralelo a esta breve reflexão, se não existe algum tipo de excesso por parte dos médicos**. Crianças e adolescentes anteriormente tidos como hostis, desobedientes ou*

*simplesmente mal-educados passam a ser vistos como portadores de um distúrbio mental.*(Nova Escola, Agosto de 2015).

Após inquietar os leitores sobre o lugar do discurso médico na produção de diagnósticos relacionados à experiência escolar dos jovens, algumas possibilidades de intervenção são elencadas aos leitores.

*A dica é, quando possível, ignorar o comportamento provocativo e oferecer uma nova oportunidade para o estudante ter uma projeção positiva no grupo. Outra orientação é valorizar as boas atitudes de quem costuma transgredir. Assim, ele se dá conta de que pode assumir outros papéis e que não precisa ficar aprisionado no lugar de criança-problema. Para alcançar esse objetivo, professores, orientadores e gestores precisam se aproximar desse aluno, conhecê-lo melhor, descobrir suas competências e seus centros de interesse, além de criar oportunidades para um relacionamento positivo dele com o conhecimento. Não há remédio que substitua uma convivência frutífera e solidária*(Nova Escola, Agosto de 2015).

Já na publicação de outubro de 2019 sobre TOD que aparece na coluna “Comportamento”, o ponto de tensão com o discurso médico não se apresenta. Trazendo uma outra linha de elaboração e novos elementos da linguagem médica são trazidos, como por exemplo, a estatística, na intenção de ajudar os leitores da revista a identificar nos estudantes comportamentos que caracterizam o transtorno em questão.

*Alunos fazem birra, provocam os colegas, por vezes desobedecem aos adultos e têm manifestações explosivas de raiva. Entretanto, quando a desobediência é contínua às figuras de autoridade, e tais comportamentos começam a afetar de forma significativa as relações com colegas e professores e o desempenho na escola, pode ser sinal do chamado **Transtorno Desafiador de Oposição (TDO)**.*

*Embora o tema careça de mais dados e pesquisas conclusivas, hoje diz-se que o Transtorno Desafiador de Oposição é uma combinação de fatores sociais, familiares e genéticos. **Alunos que possuem familiares com o transtorno, histórico de abuso, que vêm de famílias conflituosas e que recebem atenção dos pais ou cuidadores de forma inconsistente, apresentam maior risco de manifestar os sintomas. Estatisticamente, crianças e adolescentes do sexo masculino têm maior propensão a manifestar o Transtorno.***(Nova Escola, outubro de 2019)

Em seguida a autora sugere que se recorra aos especialistas como alternativa para lidar com alunos que apresentam os elementos característicos do TOD, especialistas.

*Os tratamentos mais indicados hoje são psicoterapias de diferentes abordagens – tanto individual, para a criança ou adolescente, como para a família. Nesse sentido, **a terapia cognitivo-comportamental é apontada como mais eficaz. Um médico psiquiatra é o profissional da saúde responsável por avaliar se é o caso de tomar medicamento ou não. Programas de treinamento orientados para pais e que ensinam técnicas para***

*auxiliar na educação e como gerenciar o comportamento dos filhos também são altamente indicados.*

*A parceria entre família e escola sobre como agir em casos de situações de potencial tensão para aquele aluno também é uma medida importante. No dia a dia, é importante que se estabeleçam alguns combinados entre pais ou responsáveis e educadores.* (Nova Escola, Outubro de 2019).

A utilização do DSM ferramenta para o diagnóstico utilizado pela autora da matéria, sugere a necessidade de o professor identificar sinais de um transtorno a fim de formar um diagnóstico. A indicação da terapia cognitivo-comportamental e da psiquiatria como especialidades “mais eficazes” na avaliação e no tratamento do TOD corroboram o DSM como referência para uma espécie de diagnóstico na sala de aula.

Yellati (2013) disserta sobre os efeitos de quando classificar constitui simultaneamente diagnosticar. O autor indica que graças aos meios de difusão massivos de informação, especificamente a internet, o saber psiquiátrico se difundiu largamente. E, com isso, surgiram consequências sem precedentes como “o autodiagnóstico, a respeito do qual o profissional da saúde passa a ser um verificador, e o diagnóstico profano: o companheiro de escritório pode diagnosticar “ataques de pânico” porque ‘já o teve’” (YELLATI, 2013, p. 51, tradução nossa)<sup>6</sup>. Assim, o autodiagnóstico e o diagnóstico profano são exemplos dos efeitos da difusão do modo de operar e da linguagem que os manuais diagnósticos propõem. Identificar sinais de determinado transtorno em um estudante, reflete como o saber psiquiátrico apareceu na publicação da Nova Escola de 2019 sobre o TOD.

Além do TOD, outras categorias diagnósticas como transtorno de ansiedade, depressão e TDAH aparecem em uma matéria também de 2019 que parte da pergunta: *Como está a saúde mental nas escolas?* Trazendo dados estatísticos, o autor Tory Oliveira aponta para um ponto de tensão entre a quantidade de alunos diagnosticados em idade escolar e convoca os leitores da revista à “conscientização” sobre a problemática.

*Na classe de 30 alunos, estima-se que entre 3 e 5 terão algum problema de saúde mental, incluindo **transtornos de ansiedade, depressão e déficit de atenção e hiperatividade**”, explica Rodrigo Bressan, autor de Saúde Mental na Escola e fundador do Y-Mind - Centro de Prevenção em Transtornos Mentais, que defende uma maior conscientização sobre o tema para os educadores.* (Nova Escola, maio de 2019).

---

<sup>6</sup> Citação original: “el autodiagnóstico, respecto del cual el profesional de la salud pasa a ser un verificador; y el diagnóstico profano: el compañero de oficina puede diagnosticar ‘ataque de pánico’ porque ‘y alo tuvo’”

O ponto de tensão sobre a medicalização dos jovens em idade escolar e sobre o papel do professor no universo de significantes das categorias diagnósticas, convida os professores a conhecer esta linguagem a fim de promover a saúde mental nas escolas.

### **COMO PROMOVER A SAÚDE MENTAL?**

#### ***Empodere-se***

*Embora não seja papel do professor diagnosticar ou medicalizar os casos, os educadores acompanham o desenvolvimento de crianças e adolescentes e, munido desconhecimento, pode intervir.*

#### ***Quebre o tabu***

*Saúde mental não pode ser um tema proibido, estigmatizado ou minimizado na escola. Converse abertamente com os seus alunos e com as famílias sobre isso. (Nova Escola, maio de 2019).*

Partindo do pressuposto de que as categorias diagnósticas são postas como uma realidade dentro da sala de aula de adolescentes, nesta matéria, a estratégia proposta aos educadores é de uma intervenção direta neste campo. Quando o autor afirma que o papel do professor não é diagnosticar, este é tido como uma figura importante na prevenção e intervenção de situações que comprometam a vida dos estudantes.

Transtornos alimentares como a bulimia nervosa e anorexia são discutidos também no ano de 2019 tendo como principal referencial o DSM-5. Os referidos transtornos são associados à adolescência, mais especificamente às mulheres adolescentes que frequentam a escola.

*Pesquisas indicam que as mulheres são as mais afetadas pelos chamados transtornos alimentares não somente no Brasil, como também no mundo. No caso da anorexia, por exemplo, Bordo (2013) aponta que 90% dos casos são diagnosticados em adolescentes e mulheres jovens. Tais dados levam a questionar as razões de um percentual tão alto entre esse grupo e quais são os componentes sociológicos, biológicos e psicológicos que contribuem para o surgimento desses transtornos muitas vezes já em idade escolar. (Nova Escola, julho de 2019).*

Após relacionar uma série de critérios para o diagnóstico da anorexia nervosa, o autor Tory Monteiro cita estudos que abordam a relação entre os transtornos alimentares e o papel das diferentes mídias, acentuando o papel da escola como um espaço de reflexão sobre este tema. Assim, o enlace entre os fenômenos socioculturais veiculados pela mídia e o desenvolvimento de transtornos alimentares também é pontuado como questão a ser desenvolvida no espaço escolar a partir de intervenções pedagógicas, como por exemplo, discussão sobre filmes e projetos interdisciplinares. É válido situar que, no que diz respeito aos transtornos alimentares a autora indica uma metodologia baseada na prevenção e no fortalecimento do potencial crítico dos estudantes para lidar com a

questão, utilizando elementos do discurso pedagógico e não do campo médico para lidar com a referida categoria diagnóstica.

A fim de promover uma discussão paralela ao que foi analisado neste eixo diante do que foi levantado na revista Nova Escola, um estudo realizado no Rio de Janeiro com crianças e adolescentes pertinente para vislumbrar a relação que é, por vezes, estabelecida entre os discursos médico e pedagógico. Deste modo, pesquisadores buscaram compreender como opera uma escola ao convocar o saber psiquiátrico a partir de encaminhamentos, adotando a perspectiva do estudo de casos múltiplos (COUTINHO E CARNEIRO, 2016; COUTINHO, 2018). Neste sentido, a queixa de educadores relacionadas ao “fracasso” de seus estudantes era caracterizada enquanto uma disfunção como, por exemplo TDAH e dislexia. Esta queixa, por sua vez, era corroborada no âmbito médico e/ou psicológico. Logo, nem sempre fatores como a situação social/institucional e a própria singularidade dos sujeitos são consideradas no diagnóstico (COUTINHO E CARNEIRO, 2016).

Sobre os impasses na escolarização, Carneiro e Coutinho (2016) escolhem o termo ‘mal-estar’ não apenas como uma referência a Freud, mas como uma estratégia política, uma vez que pontuam uma relação entre fracasso escolar e mal-estar na escolarização. Assim, medicalização estaria produzindo uma forma de lidar com o fracasso escolar e, com isto, o saber médico estaria cada vez mais presente nos discursos do meio escolar (COUTINHO, CARNEIRO, 2016). A nomeação do mal-estar enquanto uma doença que se apresenta de modo externo ao sujeito abriria para uma dificuldade de situar a criança ou o adolescente dentro de sua própria história, em uma rede simbólica e discursiva que passaria por sua família e pelo contexto que cada estudante responde singularmente (COUTINHO, CARNEIRO, 2016; COUTINHO; CARNEIRO, 2018).

Percebem-se que os especialismos apareceriam não apenas como uma forma de interpretar o que não vai bem na escola, mas como um meio de direcionar técnica e socialmente os impasses na experiência escolar (COUTINHO; CARNEIRO, 2018). Novamente, a tese freudiana do mal-estar aparece com um propósito político, desta vez de resistência ao processo de medicalização da vida – que tem se ampliado cada vez mais no contexto escolar e educacional (COUTINHO; CARNEIRO, 2018). Os desafios relacionados ao exercício da parentalidade e da educação hoje em dia são, por vezes, norteados por diagnósticos, medicações e/ou direcionamentos advindos do campo da ciência.

O que Coutinho e Poli (2019) apresentam sugere que a dificuldade da criança ou do adolescente de se situar dentro de sua própria história, favorece o registro simbólico de suas experiências, seria um dos efeitos deste anonimato dentro das relações parentais e com os professores. O avanço do paradigma naturalista trouxe efeitos na elaboração de narrativas em torno do sofrimento psíquico. Neste paradigma, baseado em pesquisas das neurociências, os diagnósticos expressam o sofrimento sem a dimensão do próprio sujeito, orientando os especialistas a uma visão fragmentada da vida e que muitas vezes encontra sustentação na relação entre a descrição de um sintoma e o uso ou não de determinado medicamento (COUTINHO; POLI, 2019). Assim, a possibilidade de particularizar o sofrimento utilizando-se da experiência narrativa se torna esvaziada diante de tantos nomes que o discurso da ciência apresenta.

O ponto de tensão identificado nas matérias deste eixo quando o assunto é quem diagnostica - o professor ou o médico-, assim como a consistente menção à medicalização da escolarização de jovens em idade escolar, sugere que o diagnóstico é um componente nodal nas relações estabelecidas entre os leitores/educadores e os especialistas convidados a contribuir com a revista Nova Escola.

**“Sinal amarelo: questões sobre a adolescência de nosso tempo”**

No mês de setembro dos anos de 2018 e 2019 a revista Nova Escola dedicou-se a edições temáticas relacionadas ao tema do suicídio. É importante assinalar que no referido mês há um engajamento de vários setores da sociedade sobre o tema do suicídio a partir da campanha *Setembro Amarelo*.



(Nova Escola, Setembro de 2018)

A capa da revista temática de setembro convida os leitores à edição que se debruça sobre os limites e as possibilidades de atuação da escola diante de estudantes adolescentes que pensam em se matar. O editor da revista, Pedro Anunciato, foi o autor da matéria de capa. Ele convoca os leitores a entender o modo como o suicídio toca o contexto escolar, apontando os adolescentes como os mais citados nas estatísticas.

*Entre os adolescentes de 10 a 19 anos, o aumento foi de 18%. Nessa idade, eles estão enfrentando as primeiras frustrações. Se o pior acontece, o ambiente escolar sofre. E com círculos familiares e sociais cada vez menores, a escola é praticamente o único lugar de socialização dos jovens. Por isso, coragem: entender esse fenômeno e como ele afeta os adolescentes pode prevenir mortes e provocar discussões saudáveis.*

(...)

*As frustrações com a própria vida, o sentimento de não pertencimento, **a pressão social pelo sucesso e pelo corpo perfeito, o bullying, a depressão.** São muitos os fatores que*

*podem explicar por que os suicídios estão aumentando entre os adolescentes.* (Nova Escola, setembro de 2018).

Além do suicídio ser associado à pressão social, ao *bullying* e à depressão, a ausência de sentido para a vida é um ponto que o autor da matéria de capa de setembro de 2018 aponta como uma característica específica da adolescência de nosso tempo e que a busca por tal sentido é um possível caminho para se lidar com o suicídio.

*A instabilidade e a ausência de um sentido de vida são características da adolescência, um período da vida ainda pouco compreendido pela Sociologia. Colocada em perspectiva histórica, a adolescência é uma fase muito recente na história humana.*

(...)

*O sentido de vida e os vínculos sociais dão força aos indivíduos mesmo nas situações mais extremas* (Nova Escola, setembro de 2018).

(...)

*Com famílias cada vez menores e falta de outros círculos sociais com vínculos fortes, a **solidão dos adolescentes só se rompe em um lugar: a escola.** Ao não terem mais a convivência de irmãos e primos, ao perderem as ruas e os vizinhos para a violência urbana, o peso da instituição escolar ficou muito maior na vida deles.* (Nova Escola, setembro de 2018)

Pedro Annunciato aponta para a escola como um potencial espaço para os jovens darem relevo aos seus enlazes e às suas emoções. Este ponto é corroborado pelas psicanalistas Viola e Vorcaro (2015) reiteraram tal apontamento quando demarcam que atualmente a escola tem se tornado uma espécie de palco onde a sintomatologia dos jovens ganha contornos.

Ainda na edição de setembro de 2018, Pedro Annunciato fez uma entrevista ao psicanalista Mario Corso e situa o contexto do convite da Nova Escola ao entrevistado:

*Quando a reportagem de NOVA ESCOLA procurou o psicanalista Mário Corso, 58 anos, para uma conversa sobre suicídio, o convite foi aceito prontamente. Gaúcho de Passo Fundo (RS), ele e a esposa, Diana, estudam e escrevem sobre adolescência e atendem jovens com as mais diversas angústias. Em 2007, porém, Mário sofreu o mais duro golpe de sua carreira: um de seus pacientes, de 16 anos, tirou a própria vida e transmitiu o ato ao vivo para uma plateia sádica na internet.*

*Desde então, o nome de Mário ficou vinculado ao drama do suicídio de adolescentes, que, segundo dados do Ministério da Saúde, aumentou 18% entre jovens de 10 a 19 anos, de 2011 a 2015. Recentemente, ele foi convidado pelos próprios alunos de uma escola de sua cidade natal para ajudar uma colega que contou aos amigos que estava pensando em se matar. Mário não é especialista no tema, mas topou a empreitada, com a mesma disposição com que concedeu esta entrevista, por telefone.* (Nova Escola, setembro de 2018).

Ao ser questionado sobre o que especifica o adolescente atual, se comparado ao adolescente de 10 ou 20 anos atrás, o entrevistado, Mario Corso, trouxe uma resposta inquietante aos leitores da revista:

*A primeira coisa que você tem que entender é que a adolescência é algo muito recente. A juventude sempre existiu, mas essa forma como entendemos a juventude só se tornou massiva no pós-segunda guerra. A geração baby boomer [dos nascidos entre os anos 1940 e 1960, fase marcada por uma explosão populacional e por transformações sociais], que fez Woodstock, que fez maio de 68... Essa foi a primeira geração adolescente que existiu, com uma cultura própria da adolescência, isolada de outras. **Esse é um período em branco que se abre, em que tu não tem responsabilidades, está só estudando...** Teu avô não teve adolescência, ele fez serviço militar, casou e acabou. As mulheres começavam a ter filho. Não tinha esse prolongamento (Nova Escola, setembro de 2018).*

Para o entrevistado atenta em seguida para o suicídio seria um meio de o sujeito constituir-se como tal, tomando este ponto a partir da demanda que é vivenciada pela adolescência em nossa sociedade.

*O suicídio também é uma forma desesperada de construir um sujeito, de deixar uma marca no outro. E o que é a adolescência? É construir uma representação no outro, ser respeitado pelos outros, ter feitos, ser bonito ou inteligente, ter um destaque. Se ele não consegue isso por bem, ele consegue isso por mal. Se ele se suicida, ninguém esquece dele, todo o colégio vai falar dele e ele constrói um nome. Tu entende que é um jeito perverso de construir uma marca na sociedade? Claro que é alguém que está sofrendo de forma absurda, que toma um caminho desesperado. Mas esse sujeito deixa uma nuvem de culpa. (Nova Escola, setembro de 2018).*

Em agosto de 2019, uma matéria escrita também por Pedro Annunciato divulgou aos leitores da Nova Escola uma ação promovida por uma professora que se sensibilizou com uma das publicações de 2018 relacionadas à campanha do Setembro Amarelo:

**Então, a professora resolveu agir.** Tirou fotos da reportagem e mandou para os alunos por WhatsApp, sugerindo que eles realizassem uma semana de conscientização na escola sobre o tema. Os docentes e gestores ficaram receosos de que o assunto gerasse mais desequilíbrio emocional, mas não foi o que aconteceu.

(...)

*Publicada no segundo semestre de 2018, por ocasião da campanha Setembro Amarelo, de combate ao suicídio, a capa intitulada Suicídio - Quando o abismo engole os jovens marcou a estreia do novo projeto gráfico e editorial de NOVA ESCOLA. A reportagem trouxe dados alarmantes sobre o aumento do número de mortes no Brasil, que praticamente dobrou nos últimos 20 anos. **Além disso, ouvimos educadores, psiquiatras e psicólogos sobre as possíveis causas do fenômeno.** (Nova Escola, Agosto de 2019)*

A proposta de convocar os leitores/educadores da revista Nova Escola para discutir sobre o suicídio em 2018, produziu efeitos em 2019, como indicado anteriormente, e em setembro do mesmo ano, na intenção de a discussão implicar os professores em uma escuta ativa de seus estudantes.

*Conforme afirmam os médicos psiquiatras Gustavo Estanislau e Rodrigo Bressan no livro Saúde Mental na Escola, “o professor bem informado e sensível pode tanto promover a saúde mental quanto atuar na prevenção de transtornos, por exemplo, identificando sinais que demandem encaminhamentos para avaliação de equipe, contribuindo para intervenção precoce”. O professor está numa posição ideal e precisa ser capacitado para observar sinais de irritabilidade, oscilações de humor, apatia etc. O ato de poder se expressar, por meio da fala ou escrita, e de vivenciar as artes e os espaços culturais favorecem o bem-estar, o sentimento positivo no “existir” e no “pertencer a um grupo” – tão importantes e necessários em qualquer fase da vida, porém especialmente significativos na adolescência (Nova Escola, setembro de 2019).*

Em uma outra publicação na mesma edição, são apontados mitos e verdades sobre o suicídio e, mais uma vez, a posição do professor e a escola são implicados na identificação de sinais de suicídio.

*As escolas desempenham papel fundamental junto às famílias e profissionais de área da saúde na identificação de sinais de alerta que indiquem que crianças e adolescentes possam estar em risco de suicídio. (Nova Escola, setembro de 2019).*

Diante do que foi exposto nos eixos de análise deste capítulo, é possível situar que os diagnósticos que são relacionados à experiência escolar de adolescentes não abrem necessariamente um debate sobre às metodologias de aprendizagem ou adaptações curriculares, por exemplo. Neste contexto, não há uma referência específica à função burocrática do laudo como garantidor de abordagens adaptadas a realidade de cada estudante, por exemplo.

A Nova Escola propõe que as instituições de ensino sejam um espaço potencial para a circulação da palavra e a elaboração de narrativas sobre os impasses ocasionados pela puberdade e pelo estatuto social da adolescência. A prevalência do uso de respostas em ato por adolescente como autolesões no corpo e suicídio aparecem como um ponto que produz questões relacionadas ao papel do leitor/educador neste cenário que não se constrói necessariamente na escola, porém é nela que, por vezes, ela toma contornos. Diante disto, qual o papel do professor? Esta é uma pergunta recorrente nas conclusões dos textos das matérias da Nova Escola.

Após a leitura dos textos levantados, foi possível identificar um movimento no qual especialistas são convidados a definir, esclarecer, especificar como se apresentam os temas relacionados à saúde mental de adolescentes. Estes convites ficam mais frequentes nas publicações que tratam sobre categorias diagnósticas ou temas delicados como, por exemplo o suicídio. Assim, após a contribuição do especialista convidado, a Nova Escola promove um diálogo buscando situar em suas conclusões limites e possibilidades da

escola em cada tema abordado. Neste sentido, é possível identificar, em algumas publicações, um ponto de tensão entre o que é próprio do discurso médico e o que é próprio do discurso pedagógico.

Por fim, a análise das publicações da revista Nova Escola abriu um novo ponto a ser explorado: *impasse do sentido na adolescência*. A ausência de sentido para a vida, a falta de sentido de estar na escola em estudantes do ensino médio ou do próprio conteúdo a ser estudado é um ponto que se repete ao longo de nossa incursão na Nova Escola. Lacan (1969-1970/1992) nos diz que diante de nossa fragilidade humana “temos necessidade de sentido”. Assim, surge a questão: quais as implicações da “falta” do sentido para o sujeito adolescente atualmente? Quais as engrenagens discursivas que operam nos discursos sobre os adolescentes na Revista Nova Escola? Os referidos pontos encontrados durante a exploração da revista apresentada neste capítulo, serão desenvolvidos a seguir a partir da teoria dos Quatro Discursos proposta por Lacan.

CAPÍTULO 3 –DIAGNÓSTICO DE ADOLESCENTES NA NOVA ESCOLA:  
considerações à luz a Teoria Quatro Discursos

Lacan distingue que “o que está em questão no discurso como estrutura necessária, ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional.” (LACAN, 1969-1970/1992, P. 11). *Um discurso sem palavras* é a expressão utilizada por Lacan no *Seminário 17 - O avesso da psicanálise*. Esta sentença nos convoca a tomar o discurso como o que não se restringe à palavra escrita nos textos da revista, mas às estruturas que produzem mudanças nas posições ocupadas pelos agentes de cada discurso, bem como do que se torna produto dele. Deste modo, os efeitos de uma leitura da Teoria dos Quatro Discursos, proposta por Lacan, orientam uma análise de pontos nodais de nossa incursão na Nova Escola

No início da apresentação da terceira parte do seminário 17, intitulada “Saber, meio de gozo”, Lacan (1969-1970/1992) escreve as fórmulas dos quatro discursos em um quadro seguindo uma ordem específica: DU, DM, DH e DA e chama a atenção para o fato de que a organização dos elementos de cada discurso segue uma espécie de lógica de seqüência. O psicanalista, após escrever as fórmulas em um quadro, aponta que “é útil que elas estejam aí presentes- por mais simples que elas sejam, por simples que seja deduzir uma de outra, pois trata-se apenas de uma permutação circular, com os termos permanecendo na mesma ordem (LACAN, 1969-1970/1992, p. 40). Se observarmos os matemas a seguir, fica clara a noção de que cada elemento muda de posição no sentido horário e configura um novo discurso:

$$\frac{S2 \rightarrow a}{S1 \leftarrow \$}$$

DU

$$\frac{S1 \rightarrow S2}{\$ \leftarrow a}$$

DM

$$\frac{\$ \rightarrow S1}{a \leftarrow S2}$$

DH

$$\frac{a \rightarrow \$}{S2 \leftarrow S1}$$

DA

(LACAN, 1969-1970/1992, p. 40).

Posteriormente, o discurso capitalista (DC) foi proposto por Lacan em Milão em 1972, deste modo é elaborado após a apresentação das demais modalidades discursivas abordadas por Lacan no seminário 17. O DC guarda em si uma questão. Ele não promove o laço social entre os seres humanos, uma vez que o laço não se dá entre o sujeito e o

outro, como nas demais modalidades discursivas, mas entre o sujeito e o objeto *a*, fabricado pela ciência e pela tecnologia (QUINET, 2012). A sociedade orientada pelo DC se sustenta a partir do imperativo do gozo, o qual provoca sujeitos insaciáveis que, em sua demanda de consumo, nunca conseguem adquirir tudo o que desejam (QUINET, 2012).

Assim, O DC posiciona o sujeito dividido como dominante, no entanto esta posição do consumidor, pressionado pelo mais-de-gozar, ou seja, justamente por uma produção calculada para uma insatisfação e pela produção de mais significantes mestres, comunica-se diretamente em sentido invertido com a verdade, deste modo a verdade se encontra alienada entre a produção (objeto *a*) e o consumo ( $S_i$ ) (DUNKER, PAULÓN, MILÁN-RAMOS, 2016).

Na perspectiva lacaniana de discurso, a organização dos elementos discursivos é matemizada e o que está em questão é a posição de quem enuncia algo, enquanto agente do discurso; o endereçamento que é dado a um outro; a verdade que está em questão e, finalmente, o produto do processo discursivo. Assim, os discursos são ordenados da seguinte forma:

agente	outro
verdade	produção

Sobre a estrutura que organiza os discursos em Lacan, Lerner (2013) coloca que ao falarmos, há um lugar que passa a ser ocupado e, assim, interpelamos o outro a partir do lugar de agente, conduzidos por uma verdade, e definimos assim um lugar para o outro. É nesta perspectiva dinâmica que se pressupõe uma movimentação dos agentes discursivos, inferindo-se que os discursos não são fixos. Lerner (2013) chama atenção para a palavra endereçada ao outro, pois esta tem um efeito que se torna o produto do discurso. A partir desta engrenagem, na qual as posições discursivas não são fixas, Lacan elabora o discurso do mestre, da histórica, universitário, do analista e, alguns anos mais tarde, o capitalista. Estes discursos são organizados em matemas, os quais se compõem a partir dos seguintes elementos discursivos:

significante mestre ( $S_1$ ), a rede discursiva que constitui o saber ( $S_2$ ), o sujeito barrado ( $\$$ ) e objeto causa da incompletude do sujeito e, portanto, causa do seu desejo (*a*). O  $S_1$  é um significante que tem propriedade de comando. O  $S$  é barrado para indicar que o sujeito em questão não é o sujeito autônomo, mas sim determinado pelo significante e o objeto *a* é o que não se alcança do gozo e, por isso, não

cessa de promover a condição desejante no sujeito (LERNER, 2013, p. 73).

Considerando as posições e alternância dos referidos elementos discursivos é possível identificar como se organiza cada discurso e, considerado a engrenagem de cada discurso, buscaremos, a partir dos fragmentos discursivos da Nova Escola relacionados aos diagnósticos de adolescentes, analisar a emergência dos quatro discursos.

A Incursão na Nova Escola nos levou a identificar um movimento de convite aos especialistas, em que a revista convida especialistas da psicologia, da medicina, da pedagogia e, também psicanalistas para indicar formas de atuação aos professores leitores. É interessante pontuar que na estrutura proposta a psicanálise também aparece como especialidade capaz de indicar um caminho aos impasses da sala de aula e também responder ao enigma que o adolescente, ao vivenciar o encontro com a puberdade, se torna para os professores

Considerando os giros e as mudanças que os elementos discursivos pressupõem, a teoria lacaniana dos quatro discursos se mostrou relevante para a análise de alguns pontos que foram identificados durante a nossa incursão na Nova Escola. O primeiro ponto a ser desenvolvido, relaciona-se à lógica de convite da Nova Escola aos especialistas, enquanto produtores de um saber sobre o que acontece na sala de aula.

O aluno que elege um professor para falar sobre suicídio; uma prova que sofreu adaptações, mas que mesmo assim não foi uma via que possibilitou uma melhor transmissão entre professor e estudante; a insegurança sobre a oferta de momentos de aprendizado para um estudante que possui alguma necessidade especial. Estas são formas que o mal-estar na escolarização se apresenta e é diante disto que surge o convite aos especialistas como uma via de endereçar isto que não cessa de não se escrever. A lógica do convite aos especialistas aponta para um segundo movimento bem presente neste tipo de publicação: o posicionamento do autor da matéria, geralmente indicando diretrizes para a atuação do leitor/educador.

O terceiro movimento identificado para nossa análise é o ponto de tensão entre o conhecimento que é próprio do campo médico e o saber do educador para lidar com o que se apresenta como enigma ou impasse na transmissão educacional, tendo como efeito a inflação de laudos e prescrições relacionadas à experiência escolar. Quando o que é prescrito pelo médico e/ou especialista não condiz com a realidade do professor? O que fazer? Esta indagação nos leva a uma posição bem recorrente nas publicações da Nova Escola em que são indicadas soluções para mais este impasse do leitor/educador.

A lógica do convite aos especialistas, a indicação de diretrizes pelos autores das matérias e a tensão entre o conhecimento que é próprio do campo médico e o saber do educador foram pontos identificados para análise implicam em uma engrenagem dinâmica do discurso que condiz com o DU, DM e DH respectivamente. É imprescindível insistir no ponto de que a emergência dos discursos não fixa. Portanto, o modo como os elementos discursivos se organizam nos pontos isolados durante a incursão na Nova Escola não se pretendem absolutos. Porém estes nos dão pistas de como a linguagem se apresenta enquanto meio de recobrir o real. Apenas por intermédio da palavra e da linguagem podemos ter acesso ao real, um real que está por ser escrito, um real que não cessa de não se escrever, um real que se apresenta enquanto o inconsciente a ser escrito (BASSOLS, 2015).

Finalmente, indicamos uma espécie de resposta ao que não cessa de não se escrever nas publicações relacionadas ao diagnóstico de adolescentes: o *impasse do sentido na adolescência*. Este seria referido como a falta de sentido para vida, para estar na escola e para o que se aprende. Diante disto, buscamos investigar o que este impasse nos ensina sobre a experiência de ser adolescente em nosso tempo.

### **O convite da Nova Escola aos especialistas**

Diante do enigma que se impõe ao tentar descrever, compreender e prescrever comportamentos e condutas dos adolescentes frente à experiência escolar, a busca por definições do que é a adolescência foi um ponto identificado na incursão da Nova Escola. Esta foi uma das questões que impulsionou o convite de especialistas. Seria possível produzir um saber universal sobre o que é ser adolescente?

No matema do DU apresentado por Lacan a rede discursiva que constitui o saber (S2) está no lugar de agente do discurso, enquanto no lugar do outro está o objeto a. Deste modo, no DU, em nome de um saber que se propõe como universal, objetaliza-se o outro e há um recalque na condição de singularidade(S1) (LERNER, 2013). Quando uma psicanalista é convidada a definir a adolescência em uma matéria em 2010, emerge um exemplo de como a busca por um saber universal sobre a definição da adolescência (S2) aparece:

*A adolescência é como um renascimento, marcado, dessa vez, pela revisão de tudo o que foi vivido na infância;*

*(...)o adolescente não se contenta mais apenas com a rede protetora da família e busca fora de casa outras referências para se formar como sujeito.(Nova Escola, abril de 2010).*

*Você pode aprender muito sobre o universo adolescente olhando a constituição das rodinhas em sala.* (Nova Escola, abril de 2010).

Ao olhar a constituição das rodinhas em sala de aula, o professor poderia se apropriar-se de um saber sobre o adolescente, sobre o modo como ele interage e, assim, instituir meios de trabalho para o professor (objeto *a*) com seus estudantes a partir do que é orientado pela autora da publicação. No lugar da produção, está o sujeito barrado: o adolescente enquanto enigma na sala de aula (\$). Finalmente, temos o significante que ordena a singularidade na transmissão professor-aluno(S1) no lugar da verdade. Deste modo, podemos construir o seguinte ordenamento sobre este convite feito à especialista pela Nova Escola para orientar sobre o estudante adolescente:

### Discurso Universitário

O adolescente é... (S2)	o professor (objeto <i>a</i> )
<hr/> Significante que ordena a singularidade da transmissão professor-aluno(S1)	<hr/> Adolescente como enigma para o professor (\$)

O DU inscreve a possibilidade de um conhecimento formal ao qual o aluno deve se assujeitar, assim há um saber (S2) sobre o outro e sobre o modo como este, que aparece enquanto objeto, deve ser (LERNER, 2013). No entanto, o conhecimento não diz tudo sobre o outro, pois não se trata de uma relação com o saber, assim sempre há algo que escapa, produzindo um sujeito dividido. Na organização do DU proposto, a relação de razão entre o S1 e S2 não ocorre, produzindo um saber. Assim, o que está em jogo é da ordem do conhecimento, e não do saber, tendo como produto um sujeito dividido.

O recorte trazido de uma publicação orientada pela teoria psicanalítica corrobora com compreensão de que os discursos não são fixos. Não é porque um discurso é orientado pela psicanálise que ele pode ser lido como DA. Aí está o desafio de pesquisa e transmissão da psicanálise, por exemplo. Sauret (2003) nos adverte que a psicanálise centra sua investigação no que há de particular em cada sujeito, justamente o ponto pelo qual o sujeito resiste à ciência. Assim, o DA conduz sua ética por meios dignos do discurso da ciência que o forcluiu. O que caracteriza o método psicanalítico é dar a palavra ao sujeito e considerar o lugar da falta que se introduz pelo uso da linguagem, permitindo que essa falta fundamental do inconsciente seja sustentada (SAURET, 2003). Investigar o particular de cada sujeito, seria um importante ponto de tensão com as

produções científicas que se dedicam a universalizar comportamentos, posições subjetivas ou até mesmo sujeitos.

Em junho de 2020, a psicanalista Vera Iaconelli deu uma entrevista à Nova Escola sobre o contexto de pandemia e o adoecimento de professores. Nesta entrevista, intitulada “*Não temos de dar conta de tudo porque algumas coisas não são para se dar conta mesmo*”, é possível identificar que emerge o DA a partir do título. Quando a psicanalista diz que:

*Os professores estão, sim, em risco de sofrer com depressão, angústia, alcoolismo e uma série de outros males na tentativa de dar conta do impossível: fazer com que a escola seja normal no período totalmente anormal que vivemos hoje. É preciso haver uma conversa entre educadores, pais, alunos e instituições para redução de danos psíquicos de todos os envolvidos na Educação. Os educadores precisam ter como e com quem conversar sobre o que estão sentindo e passando e usar como meta o possível, não o idealizado. Se você idealiza e fantasia, você desiste. Então, vamos ver o que é possível fazer esse ano* (Nova Escola, junho de 2020).

A instalação do impossível que é escancarado em nossa sociedade diante do cenário pandêmico iniciado em 2020 no Brasil, aparece como uma forma de dar relevo ao impossível de educar, tal como Freud nos ensina? A especificidade do DA está no ponto em que o agente do discurso se encontra-se no lugar de objeto *a*, e é justamente isso que viabiliza a operação do analista em direção à ideia de real, ou seja, uma experiência orientada para tocar o real (YACOI, 2008). Neste sentido, quando a autora alerta para as possibilidades de adoecimento de professores que tentam dar conta do impossível, ela abre um caminho em direção ao real que se apresenta diante da realidade de professores/leitores da revista e de seus alunos que vivenciaram o ensino remoto no ano de 2020.

Em *O triunfo do real*, Luis Francisco Camargo (2020) nos diz que “A pandemia provoca uma desordem e, por isso, podemos chamá-la de um real para a sociedade. Ela desorganiza tudo, fura as estruturas e as organizações, mediante o reconhecimento da ciência de que se trata de um elemento desconhecido, destrutivo, incontrolável, ineliminável e imprevisível.” Pega de surpresa com a interrupção abrupta das aulas, a Nova Escola se encontra neste contexto e busca dar subsídios aos seus leitores. Nesta intenção assim o convite à psicanalista Vera Iaconelli pela revista para tratar da realidade pandêmica ocorre, como é rotina na forma de organização das publicações. O ponto que destacamos aqui é o giro proposto a partir da orientação deste discurso para o real ocasionado pela pandemia, e, mais ainda, para o impossível inerente ao ofício de educar.

O convite aos especialistas pela Nova Escola ajuda a compor o desenho de uma trama discursiva muito presente na estrutura das publicações levantadas em nossa incursão. Após o convite aos especialistas, surgem indicações dos convidados e, finalmente, um posicionamento do autor de cada matéria indicando vias de trabalho para o leitor/educador. A seguir exploraremos este movimento a partir de uma publicação em que são convidados um psicanalista e uma neuropsicóloga para falar sobre a adolescência trazendo a perspectiva desta como uma operação que visa ao estabelecimento na vida e na escola.

### **Diretrizes, prescrições e caminhos ao leitor/educador**

Em setembro de 2016, a matéria “*A hora de se estabelecer na vida e na escola*” convida o psicanalista Christian Dunker e a neuropsicóloga Ana Paula Macchia para discutir sobre os impasses do adolescente no estabelecimento de seu lugar enquanto sujeito na sociedade, mais especificamente na escola. A abordagem desta publicação, corrobora a tese lacaniana de que os discursos não são fixos. Eles emergem, fazem giros e, portanto, mostram-nos que o DA não equivale, ocasionalmente, ao discurso um psicanalista, por exemplo. Neste sentido, buscamos indicar como o próprio convite aos especialistas, feito pela Nova Escola, nos aponta para a emergência do DM.

No campo da educação, por exemplo, uma intervenção condizente com o DM, é a atribuição dada historicamente ao psicólogo escolar (VOLTOLINI, 2001). Este é convocado a “mediar conflitos” e solucionar questões que se apresentam na escola, sem uma expectativa de que se levantem questões a partir do que aparece como enigma (VOLTOLINI, 2001). O mestre sempre toma o mal-estar como algo possível de solucionar, até mesmo quando assume que a ausência de solução é a própria solução (VOLTOLINI 2001). A elaboração de normas deriva de um esforço justamente de se universalizar o que há de singular a fim de que as coisas caminhem “sem tropeços”.

Em setembro de 2016, no final da discussão sobre os impasses de se vivenciar a adolescência na escola, aparecem diretrizes e um posicionamento sobre como atuar no dia a dia na sala de aula, a fim de evitar tropeços na atuação dos professores. O DM nos ajuda a situar a proposta da Nova Escola enquanto revista, que objetiva aconselhar, sugerir ou até mesmo ordenar o que cabe à escola. A seguir trazemos um trecho que nos ajuda a identificar a emergência da referida modalidade discursiva:

*E o que fazer no dia a dia? Psicólogos afirmam que o mais importante é ter flexibilidade. "O adulto não pode ficar engessado no papel de responsável, líder, mestre", afirma Ana Paula. Mas isso não significa querer ser um igual, um adolescente. "Não há nada pior do que a negação da diferença existente entre a instituição escolar e os alunos", diz Dunker. À escola (diretor, coordenadores, professores) cabe abrir espaço para as manifestações dos adolescentes - no grêmio estudantil, em apresentações de música, em feiras culturais ou qualquer outra forma de expressão. Com participação, colaboração e escuta, a entrada no mundo dos adultos será (um pouco) menos complicada (Nova Escola, setembro de 2016). (Nova Escola, setembro de 2016).*

O movimento feito pela revista de apontar condutas sobre os adolescentes emerge como S1, significante que ordena a atuação do professor/leitor. É pertinente salientar que “S1 é, para andar rápido, o significante, a função de significante sobre a qual se apoia a essência do senhor (LACAN, 1969-1970/1992, p. 19). No discurso do mestre S1 ocupa o lugar de agente e S2 ocupa o lugar do outro. Assim, a revista recorre ao saber dos psicólogos, os quais sugerem a “flexibilização” dos professores para o que tropeça, o que gera impasse no ensino aos adolescentes (S2). Como produto desta modalidade de laço social, temos o estudante adolescente como enigma para o professor. Enigma este que não cessa de retornar no dia a dia, na recorrente evasão escolar durante o ensino médio, no impasse do sentido identificado em outras matérias, por exemplo. Finalmente, a Nova Escola aparece na posição da verdade, enquanto \$, inscrito como parte latente no discurso, conforme representamos no matema abaixo:

### Discurso do Mestre

Demanda da revista apontar condutas sobre os adolescentes no dia a dia (S1)

Psicólogos afirmam que o mais importante é ter flexibilidade(S2)

---

Nova Escola (\$)

---

O adolescente como enigma para os professores (objeto *a*)

No DM, o saber que é recalcado é aquele que é da ordem do singular, deste modo, o sujeito barrado não participa do discurso manifesto apesar de estar necessariamente presente (LERNER, 2013). Portanto, por se tratar de uma revista endereçada a milhares de leitores, por mais que se indique a demanda de observar caso a caso, ou até mesmo de abrir espaço para as manifestações dos adolescentes, o que está em jogo nesta trama discursiva é a demanda de transmitir um saber aos leitores por meio de protocolos,

prescrição de condutas e possibilidades de atuação baseadas em orientações estabelecidas pelos especialistas.

No que concerne as manifestações contemporâneas do discurso do mestre, Mandil (2019) nos revela que este se apresenta de modo impaciente e agitado, buscando cumprir o que está em seu cerne, a saber, fazer com que as coisas funcionem. Nesta direção, o sintoma de inscreve para o mestre contemporâneo como uma desordem e, assim, para tratá-lo pressupõe-se que exista uma ordem, uma espécie de adequação, tomada nesta perspectiva como natural, entre corpo e gozo (MANDIL, 2019). Ainda sobre o referido entendimento de sintoma, este seria a expressão de um gozo fora do devido lugar, ora por excesso, ora por falta (MANDIL, 2019). A pressuposta ordem entre corpo e gozo toma contornos ainda mais delicados na puberdade, na qual “O despertar da sexualidade confronta o sujeito com um gozo desconhecido, uma terra incógnita na qual ele se encontra exilado e não sabe como traduzir” (LACADÉE, 2011, p. 76). Portanto, o descompasso entre corpo e gozo é precisamente o que faz enigma no adolescente e o que demanda um trabalho de invenção, o qual encontra uma impossibilidade em ser prescrito de modo geral - tal como propõem as sugestões e ordenamentos da Nova Escola.

A relação entre corpo e gozo é indicada por Laurent (2020) como um ponto importante a ser considerado no cerne do que ele nomeia como ritmos escolares. Estes, por sua vez, teriam a ver com a noção de que os saberes devem ser associados a uma reflexão sobre o modo como se situa o corpo do estudante. Neste sentido, a formação dos professores é proposta como fundamental, uma vez que ela viabiliza uma atenção clínica para compreender o desenraizamento dos estudantes (LAURENT, 2020).

O movimento identificado de convite aos especialistas e o posicionamento da Nova Escola sobre os temas trazidos sofrem uma espécie de ruptura no ano seguinte, entre o conhecimento que advém dos convidados e o saber do educador, mas especificamente, da edição da revista Nova Escola. A tensão entre o saber que se dá a partir da experiência do professor, ou seja, do campo pedagógico, e o conhecimento que é proposto pela ciência, mais especificamente as ciências médica e psicológica, é explorada na sessão seguinte a partir de uma edição marcante sobre o lugar do laudo médico na escola.

## **Tensão entre o conhecimento próprio do campo médico e o saber do educador**

A edição de setembro de 2017 da Revista Nova Escola aponta para uma tensão entre as informações advindas do campo médico e o saber que o educador tem sobre sua experiência de transmissão na sala de aula. A partir do recorte desta edição, aprofundaremos no que o editor da revista pontua em duas matérias deste número: “Não abra mão do seu poder. Com ou sem laudo.” e “laudo, por si só, não resolve os problemas de aprendizagem”. As enunciações nos indicam dois pontos: o primeiro relaciona-se ao impasse na transmissão entre professor e aluno quando a ciência é colocada, por meio de especialistas, no lugar do saber do professor e este encontra um hiato entre o que lhe é prescrito e o que encontra na sala de aula. Assim, a Nova escola convoca o professor/leitor a não abrir mão de seu poder. Neste sentido, faz-se necessário marcar a particularidade entre saber, conhecimento e informação.

A informação será tomada aqui como o estado bruto, ainda sem um trabalho de processamento que irá ordenar, classificar e dispor a forma do conhecimento (LIMA, et. al, 2016). No que se refere à informação, é necessário marcar que o saber não está em questão. A informação não resulta de um trabalho de apropriação e elaboração do sujeito, como ocorre com a produção do saber. Tal produção está pronta, posta e acessível a um clique, por exemplo, no entanto não é algo que demanda um trabalho de elaboração a partir de uma experiência.

A diferença entre informação e experiência é abordada por Bondía (2002) quando este adverte que uma sociedade baseada no signo da informação torna a experiência impossível. A experiência aqui é entendida como “aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). Assim, a experiência distingue-se da informação porque ela passa pelo sujeito a partir de um trabalho de apropriação subjetiva. A informação seria algo dado, externo ao sujeito e que não demanda uma produção de saber em torno do que o tocou.

Bondía (2002) ainda aponta ainda que o sujeito da informação se dedica tanto à busca, que se perde neste percurso por acreditar que nunca é suficiente a informação que já tem em mãos. Diante do exposto, a diferença entre conhecimento do campo médico e o saber do professor sobre a transmissão em sala de aula, indica que neste movimento de oferta de informações e conhecimento, a produção de um saber próprio a partir da experiência de cada professor torna-se uma busca incessante e, por vezes, esvaziada de sentido.

O segundo ponto a ser explorado a partir da edição de setembro de 2017 da Nova Escola é o de que apesar do laudo e do que as informações do científico apontam, algo escapa: o laudo não dá conta dos problemas de aprendizagem. E isso sempre retorna. É justamente o que retorna, isto que resta entre o conhecimento médico e o saber do professor, que sustenta uma proposta de leitura ancorada na estrutura discursiva da histórica.

É pertinente pontuar que o DH é o avesso do DU. Isto ocorre porque o DH faz objeção ao totalitarismo perverso do saber, colocando o sintoma como agente e fazendo obstáculo a seguir obedecendo à burocracia do saber (QUINET, 2012). Lacan situa um importante papel da psicanálise em sustentar que há uma distinção radical entre saber e desejo de saber e esclarece este ponto afirmando que a:

Distinção radical, que tem suas consequências últimas do ponto de vista da pedagogia - que conduz ao saber não é o desejo de saber. O que conduz ao saber é - se me permitirem justificar em um prazo mais ou menos longo - o discurso da histórica (LACAN, 1969-1970/1992, p. 22).

Nesta passagem, Lacan introduz o DH como um lugar para o sujeito na produção do conhecimento, trazendo este discurso inclusive como uma via para o desenvolvimento do conhecimento científico e/ou acadêmico. A engrenagem que opera no DH fala de uma posição que deseja um saber e que este movimento não se intimida diante da possibilidade de desestabilizar o estatuto de garantia que remete ao mestre, ou seja, ele não se exime de denunciar um saber incompleto. É neste ponto em que há uma espécie de denúncia da incompletude do saber, que é possível identificar a o sujeito dividido no lugar de agente do discurso quando o editor da Nova Escola aponta:

*Para os professores, uma frustração comum é o fato de que o laudo, por si só, não resolve os problemas de aprendizagem*(Nova Escola, 2017).

O lugar do outro, a quem o agente do discurso se endereça, aparece interrogando o laudo enquanto via de informação sobre o estudante (S1):

*Um laudo não deveria diminuir as expectativas que temos sobre os alunos. Deveria, apenas, acrescentar uma informação sobre como lidar com as pessoas.*

Quando o sujeito dividido no lugar de agente interpela o outro, que aqui emerge enquanto informações contidas no laudo sobre o aluno, o que se produz no discurso é o conhecimento dos especialistas (S2):

*É ótimo contar com o conhecimento de especialistas para identificar problemas que nós, por formação, não conseguimos* (Nova Escola, 2017).

A verdade que sustenta a organização deste matema, é a verdade do professor, tomado aqui como objeto *a*, conforme foi possível estruturar no seguinte matema:

### Discurso da Histórica

O laudo não resolve os  
problemas de aprendizagem(\$)

---

Professor/leitor da Nova Escola  
(objeto *a*)

Laudo enquanto via de  
informação sobre o estudante (S1)

---

Conhecimento dos especialistas  
para identificar problemas (S2)

Ao interrogar o laudo, enquanto via de informação sobre o estudante, o professor é colocando na posição de mestre, o editor da revista põe em marcha o funcionamento do DH, o qual diante de seu descontentamento, indaga sobre as informações produzidas e enunciadas pelo mestre. Deste modo, é possível inferir que enquanto efeito deste enlaçamento, há uma inflação de publicações relacionadas às categorias diagnósticas, bem como a aspectos da saúde mental dos estudantes e de qual lugar ao lugar que o professor pode atuar neste contexto

Os aspectos relacionados à saúde mental dos adolescentes e o modo como os professores se encontram desafiados a lidar com o crescente número de diagnósticos como depressão, ansiedade, situações que envolvem a automutilação no corpo dos jovens nos levam ao último ponto estruturado para ser explorado após a incursão na revista Nova Escola, o qual nomeamos como “impasse do sentido”.

### Um impasse do sentido: entre os enredos virtuais e o esvaziamento da palavra

Qual o sentido de aprender sobre as funções orgânicas de uma célula? Por que calcular o mínimo divisor comum de um número? Qual o sentido de precisar ir para a escola todos os dias, fazer provas, prestar vestibular, ir para a faculdade? Essas são questões encontradas nas relações “entre” que acontecem nos corredores de uma escola ou até mesmo nos grupos de WhatsApp de uma turma. A queixa de um certo esvaziamento do sentido do que se aprende nos leva a um fenômeno referido como “esvaziamento da palavra” observado no contexto contemporâneo da educação por Coutinho e Pisetta (2014).

Há atualmente um esvaziamento do sentido para a própria existência, apontada por adolescentes; na transmissão que se dá entre professor e estudante e, também sobre a própria permanência na vida escolar. No Brasil, à medida que as séries vão avançando, a evasão escolar é cada vez mais presente e, sendo o ensino médio o período com maior número de desligamento de alunos. Diante deste contexto, se faz pertinente a investigação sobre o impasse do sentido que identificamos nas publicações analisadas na Nova Escola. Assim, questionamos o que este impasse nos ensina sobre as modalidades de laço social estabelecidas pelo adolescente de nosso tempo.

A questão do sentido também é um ponto referido por Voltolini (2012) ao indicar que a “falta de sentido” é uma questão partilhada em muitos espaços escolares: os alunos já não se sentem mais “estimulados” ao que se apresenta na sala de aula e é comum a referência a um hiato entre o que demanda a escola e o estudante de nosso tempo. Nesta direção, nossa investigação corrobora a tese de Voltolini (2012) de que a falta de sentido do conhecimento é uma das grandes mazelas da escola contemporânea, incluindo nesta problemática não apenas os estudantes, mas também os próprios professores, os quais têm dificuldade em justificar e defender a relevância de certos conteúdos apresentados em sala de aula.

A dificuldade em situar o que se aprende em uma rede simbólica e discursiva seria uma questão que se apresenta apenas no contexto escolar? Uma compreensão mais ampliada pode ser relevante neste sentido. A hipótese de um declínio dos saberes traça uma linha temporal desde o mito bíblico de Adão e Eva. Quando a busca pelo conhecimento custou a perda do paraíso; passando pelo século das luzes, quando o conhecimento assumiu um poder de revolução e emancipação, até os dias atuais, quando a ciência se torna um meio de concretizar objetos para consumo e dela não se espera mais uma revolução, mas um conforto (VOLTOLINI, 2012). No mito bíblico de Adão e Eva algo faltava, havia um preço a ser pago pelo saber. Já no século das luzes também havia um custo que o sujeito tinha que bancar para se emancipar a partir da conquista do saber. E hoje? O conhecimento não goza mais do mesmo status, já que a própria ciência saiu de um lugar emancipatório e se convertendo-se em um meio de concretizar objetos para o consumo (VOLTOLINI, 2012).

Em um contexto em que a ciência perde seu atrativo de saber emancipatório, para tornar-se um meio de acesso a objetos de consumo, a educação sofre efeitos (VOLTOLINI, 2012). Assim, é possível atentar para a hipótese de Voltolini (2012): se a oferta do conhecimento deixar de ligar-se ao campo desejante, amparo do sentido, para

passar a desempenhar um papel de acúmulo, invariavelmente acabará em perda de sentido. Diante desta hipótese, faz-se necessário destacar como a noção de saber pode contribuir neste debate, mais especialmente no contexto atual em que a educação é atravessada por um modo de estudar e de se relacionar com o conhecimento através do campo virtual.

Atualmente vivenciamos uma cultura em que o virtual aparece de forma radical nas relações. As informações se apresentam de modo acessível, rápido e não demandam um esforço específico para serem encontradas. A relação com o que se estuda assume um novo estatuto diante do imenso cardápio que é ofertado no campo de busca dos sites de pesquisa, por exemplo. Deste modo, o lugar atribuído à informação ganha contornos que nos são relevantes para pensar as engrenagens discursivas que permeiam a produção do saber dos estudantes.

Apesar do fracasso escolar ser frequentemente associado ao uso das tecnologias digitais, Lima et.al. (2016) apostam que ao invés de interditar ou censurar a presença da virtualidade na vida dos jovens, é possível conhecer os usos atribuídos às ferramentas digitais para então identificar as limitações e possibilidades do virtual na produção do saber. A posição defendida por Lima et.al. (2016) ganha relevo importante no ano de 2020, ano em que escolas de todo o mundo viram-se impelidas a utilizar exclusivamente as tecnologias digitais como meio de acesso aos estudantes, quando a pandemia do Coronavírus ocasionou o isolamento dos corpos enquanto um meio de contenção da contaminação de um vírus com alta letalidade.

O excesso de informação e seu intenso fluxo pode ser tomado como uma das causas para o esvaziamento do sentido (LIMA, et. al, 2016) e o campo virtual, atravessado pela ostensiva oferta de informações, torna-se um contexto privilegiado para se conhecer as estruturas que sustentam as tecnologias digitais dentro do processo de subjetivação do sujeito contemporâneo. O modo como os jovens se relacionam com a internet revela implicações do imperativo de gozo acerca da subjetividade de nossa época (LIMA, et. al., 2016). Trazendo o recorte do presente estudo, faz-se necessário demarcar que a adolescência, enquanto um evento social circunscrito que vem a reboque da puberdade, demanda dos sujeitos a busca por um novo enlace social, assim como a elaboração de uma nova forma de funcionamento psíquico que não passe exclusivamente pela família.

O saber, compreendido como algo a ser tomado do campo do Outro, coloca uma apropriação particular de cada sujeito em jogo, em um tempo singular, envolvendo um gozo diante de sua aquisição e também durante o seu uso (LIMA, et. al., 2016). A

adolescência exige uma operação simbólica minuciosa, que passa pela transmissão do saber, mas ainda mais pelo não saber diante do real da sexualidade (LIMA, et. al., 2016). Neste sentido, o trabalho que envolve a produção de um saber pelo sujeito adolescente toma contornos específicos com o contexto atual em que o uso autoritário da ciência provoca efeitos na subjetividade de nossa época. A relação entre saber e o autoritarismo científico é explorada pelo psicanalista Miquel Bassols (2015), ao debater com Javier Peteiro sobre sua obra “O autoritarismo Científico”, quando este pontua que

(...) o uso do saber como um saber reduzido ao conhecimento objetivo – e este, por sua vez, reduzido exclusivamente à informação - adequa-se muito bem à operação que recobre essa impossibilidade lógica com a figura de um saber absoluto, um saber sempre possível no horizonte do "progresso científico". Mas recobrir esse furo da impossibilidade lógica com a ideia de um saber sempre possível - onipotente - deixa o sujeito, cada sujeito singular, na impotência diante do "autoritarismo científico" (BASSOLS, 2015, p. 206)

A relação do encobrimento da impossibilidade lógica que vem sendo articulada à noção de saber, nos moldes do autoritarismo científico, ou seja, um saber que se diz completo, sem impasses e sem furos vai de encontro à noção lacaniana de saber enquanto o produto do trabalho de uma apropriação do campo do Outro. Nesse sentido é pertinente estar atento ao lugar que um discurso autoritário, que se reveste com aparência científica, é capaz de ocupar nas relações de transmissão entre professor e aluno, especialmente quando produz uma série de classificações e descrições de formas patológicas de ser e estar na escola. O uso autoritário do discurso científico, nos moldes do DM, aparece, por exemplo quando a estatística é utilizada a fim de garantir o argumento científico (BASSOLS, 2015). A redução do estudante ou do professor a um suposto objeto de conhecimento quantificável reduz as possibilidades de um trabalho de apropriação do campo do Outro, ou seja, a construção de um saber em torno da relação estabelecida a cada encontro entre professor e aluno.

Bassols (2015) ainda aborda a inserção de computadores e da internet nas aulas e possíveis implicações de seu uso na educação. A primeira implicação que destacamos deste estudo seria relacionada à transmissão, mais especificamente aos professores, na medida em que estes seriam os primeiros a sintomatizar a inércia que emerge quando a função pedagógica é reduzida a uma função de mero gerenciamento da informação, atenuando os efeitos do saber em suas relações pedagógicas. O segundo ponto que Bassols (2015) nos adverte sobre a inserção dos meios virtuais nas relações de aprendizagem seria justamente uma queda da produção do saber, uma vez que a oferta de

informação não favorece o pensamento, a memória e a própria ampliação do vocabulário, ocasionando um declínio da produção saber, pois a informação está sempre ali: disponível e pronta para ser digitalizada e replicada.

“Deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (Lacan, 1998, p. 321). Este enunciado lacaniano bem difundido, inspira-nos a conhecer as novas modalidades de laço social que se configuram a partir do contexto virtual na educação e também suas implicações na produção de um saber próprio de cada sujeito, o saber inconsciente. Não se trata de abolir ou condenar o uso de tecnologias digitais na sala de aula ou no campo educacional, afinal a pandemia do Coronavírus em 2020 nos mostrou que o virtual é algo que pertence a nossa cultura e que pode ter uma importante contribuição no campo educacional. No entanto, estar minimamente advertido dos efeitos do virtual no laço social, faz-se necessário para se pensar a educação atualmente.

Nesta direção, Lijstinstens (2020) afirma que as mudanças nos laços sociais e nos regimes de satisfação nos enredos virtuais demandam do psicanalista a busca por novos instrumentos e uma reinvenção nas relações de tempo e espaço. A autora indica ainda que para o sujeito atual, o desejo e a satisfação ficam colados, condensados, aglomerados em um mesmo tempo e espaço, assemelhando-se a um paradigma da adicção. Essa nova modalidade de tempo e espaço pode ser visualizada quando se pede um carro por aplicativo ou até mesmo na entrega de uma refeição, quando o consumidor tem na palma de sua mão a localização em tempo real de seu pedido. O pronto atendimento, sem falha, sem espera, um novo manejo do tempo e do espaço e o mais curioso: tudo a um clique de distância. Quando o desejo e a satisfação se encontram colados, ainda há algum espaço de espera, de elaboração, de não saber fazer?

O impulso ao consumo e à satisfação empreendem uma forma de escapar da lei do tempo a qualquer custo (LIJTINSTENS, 2020). Neste sentido, a lógica do uso e desuso que orienta a as novas formas de laço social entre os sujeitos, sedimentam valores mercantilizados, nos quais as datas de validade, os encontros prontamente descartados (LIJTINSTENS, 2020) acabam por produzir efeitos na relação estabelecida entre sujeito e objeto. Lijstinstens (2020) aponta que os laços sociais nas circunstâncias descritas, encontram-se soltos e desvinculados de todo discurso, exceto o DC.

## **Discurso capitalista e seus efeitos na educação**

A sociedade orientada pelo DC estrutura a partir do imperativo de um gozo irrestrito e imediato de um imperativo do gozo, o qual produz sujeitos insaciáveis que, em sua demanda de consumo, nunca conseguem adquirir tudo o que desejam (GOLDENBERG, 1997). Este movimento de busca pela informação e perda da experiência nos remete à lógica do DC situada por Quinet (2012), em que é caracterizado por produzir sujeitos inadimplentes, sempre em dívida com o gozo.

O impasse do sentido indicado nas publicações da Nova Escola nos convida a uma articulação com o DC. A hipótese sobre falta de sentido no que se aprende, tão discutida no campo educacional e citada na Nova Escola, é apontada por Voltolini (2012) quando aborda a relação direta entre sujeito e objeto no DC proposto por Lacan. Esta relação direta entre sujeito e objeto, ocasiona uma hiperinflação do objeto, que por sua vez promete estabelecer uma relação com o sujeito completa, sem arestas, na qual a linguagem apareceria quase que sob medida (VOLTOLINI, 2012). Assim, o DC produz um sujeito que deseja consumir e que dirige todos os seus esforços na produção de objetos de desejo em busca da promessa de um gozo pleno (PASSONE, 2013). Diante desta elaboração, é possível vislumbrar alguns efeitos do referido discurso no campo educativo, como por exemplo, um esvaziamento da experiência enquanto algo que produz um saber próprio de cada sujeito.

A forma que se apresentam as atuais modalidades do laço social, permeadas pelo imperativo de um gozo irrestrito, trazem consequências para as relações com o saber e com a própria escola. Laurent (2020) refere-se à proposição de Miller de que o esforço fundamental de uma criança na escola é justamente para perder algo de seu gozo. No entanto, esta perda se faz remediada diante do que Laurent chama de “plus de gozo” que é obtido por meio da inserção do sujeito no discurso da escola propriamente dito. Nesta direção, práticas que se propõem a generalizar a relação entre corpo e gozo e que prescindem da singularidade do sintoma não ajudam os sujeitos - à grosso modo - a produzir um saber próprio sobre seu gozo.

Há algo do gozo do estudante que a escola não consegue tratar, o que, por vezes, provoca um aumento de energia que pode conduzir o sujeito a um rechaço, uma recusa à escola, à agressividade, incluindo aí o próprio ódio à experiência escolar (LAURENT, 2020). A falta de sentido relacionada à presença na escola e, especialmente ao que se aprende lá poderia ser articulada ao cenário do imperativo de um gozo irrestrito que não

articula o sujeito com o objeto, tal como propõe o DC? Essa é uma questão que não poder ser apresentada sem um extenso trabalho de articulação com elementos de nossa cultura contemporânea, na qual a virtualidade impera e permeia as relações dos adolescentes.

Kurek (2011) nos adverte que apesar do termo virtualidade não ser utilizado dentro do ensino de Lacan, é possível realizar um movimento de situar a partir da orientação lacaniana este fenômeno do mundo contemporâneo. Servindo-se da topologia do nó borromeano, Kurek (2011) aponta o real como o lugar do impensável, do indescidível, do sujeito. Em seguida o imaginário é trazido como o lugar do corpo e o simbólico como o lugar do discurso.

Assim, Kurek (2011) nos conduz a duas consequências essenciais do ponto de vista da virtualidade. A primeira refere-se a uma prevalência, de início, do registro Imaginário sobre o registro Simbólico, ocasionando um real afastado e um simbólico enfraquecido. A segunda, traz a prevalência também do registro Real sobre o Imaginário, resultando em um Simbólico submetido ao Real e ao Imaginário. Neste segundo caso, o simbólico não tem a possibilidade de dialetizar e formular questões.

Diante do exposto, é possível inferir que enredo no qual o virtual encontra-se (não) produz laço dentro da dinâmica do discurso capitalista. Neste contexto, em que o a relação de tempo e espaço se veem alteradas e regidas por uma demanda de satisfação imediata, assistimos a uma espécie de esvaziamento das referências ao Outro enquanto regulador, o que implica em uma crise no simbólico (KUREK, 2011; LIJTINSTENS,2020). Os efeitos desta crise do simbólico, nos conduzem a um esvaziamento das narrativas em torno da experiência subjetiva dos sujeitos.

Legnani (2020) averte que o custo pela evitação de uma responsabilidade subjetiva resulta em um encaixe, mesmo que forçado, a uma normalidade que é externa ao sujeito, a qual se apoia em uma concepção biológica da mente humana e que diminui o espectro de possibilidades de participação efetiva do próprio sujeito no tratamento de sua angústia. A autora ainda aponta que na lógica que rege o discurso capitalista, tal como propõe Lacan, não há lugar para o sofrimento psíquico, uma vez que este precisa ser eliminado a fim de que o sujeito não saia da engrenagem de produção neoliberal.

A possibilidade de invenção diante da angústia acaba sendo subtraída do sujeito adolescente, que desliza em um discurso que o indetermina, mas que também promete um gozo irrestrito. Legnani (2020) aponta que é justamente para essa indeterminação como fonte de angústia diante do descontrole que remete a um desamparo, uma falta de sentido para a existência.

Diante do exposto, uma possibilidade de leitura sobre o *impasse do sentido* identificado nos discursos relacionados aos adolescentes na Nova Escola seria através de uma articulação com o discurso capitalista. Esta articulação nos remete ao modo como o discurso universitário, aliado ao discurso capitalista, parte de uma busca pela homogeneização dos impasses (PISETTA, 2020; LERNER, 2013). Nesta direção, é possível inferir que uma a homogeneização dos impasses através de significantes dessubjetivados, próprios da engrenagem do DC pode ter uma importante relação com a falta de sentido do adolescente de nosso tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impasse identificado no discurso de docentes diante da inflação do número de estudantes diagnosticados com algum transtorno relacionado à experiência escolar foi o tema que proporcionou o desenvolvimento do presente estudo. Além disto, a observação do modo como os significantes derivados do campo médico e psicológico produzem efeitos para os adolescentes diagnosticados e operam transgressões no limite dos discursos que circulam nas comunidades escolares. Assim, propomo-nos a investigar quais as engrenagens discursivas que estruturam os discursos de educadores sobre os diagnósticos de adolescentes em uma revista de ampla circulação nacional endereçada a educadores. Para tanto, fez-se necessário considerar a alteridade concernente aos campos da medicina, educação e psicanálise.

Consideramos que a partir do “elogio ao mal-entendido” que há entre psicanálise, que opera pela via do particular, e os campos da educação e da medicina, que orientam seu trabalho pela via da generalização, é possível avançar em nossa questão de trabalho. Apostamos que colocando como ponto de partida a alteridade entre os referidos campos, se abre um caminho para investigar o impossível de educar que se articula com as nomeações próprias do campo científico, especialmente no tempo em que diagnosticar se tornou algo tão recorrente em nossa cultura.

Em nosso levantamento bibliográfico foi possível identificar o lugar de destaque que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, tal como propõe a Associação Americana de Psiquiatria, assume para ordenar e nomear as diferentes formas de sofrimento psíquico e de estruturação subjetiva de adolescentes. Considerando que o referido manual fundamenta-se na estatística para organizar as categorias diagnósticas, a generalização dos fenômenos comportamentais nos aponta para a centralidade da demanda de homogeneização e nomeação da experiência escolar. A principal consequência identificada neste estudo sobre os diagnósticos de adolescentes é que a condensação do sofrimento psíquico em uma mesma gramática normativa - tal como nomeia o psicanalista Christian Dunker em sua obra *Mal-estar, sofrimento e sintoma* – traduz a impossibilidade que a linguagem tem de recobrir o real que se apresenta na escolarização.

A Associação Nova Escola, que atualmente produz um conteúdo endereçado a educadores de todo o Brasil e chega a alcançar aproximadamente 2 milhões de pessoas mensalmente em sua plataforma, também produz discursos em suas publicações que

tocam o tema da presente pesquisa. Lembramos da perspectiva lacaniana de que os discursos, excetuando-se o do analista, confessam o intento de querer dominar, amestrar a impossibilidade apresentada pela linguagem. Nesta direção, compreendemos que os discursos relacionados aos diagnósticos de adolescentes na Nova Escola não possuíam um caráter fixo, e, mais ainda, que a emergência deles nas publicações denunciam o movimento recorrente de buscar recobrir o real que esta questão aponta.

Ao propormos uma viagem, uma Incursão pela Nova Escola, identificamos que a adolescência se apresenta como uma espécie de enigma aos leitores/educadores, especialmente em temas delicados como o suicídio. Frente ao enigma, os especialistas surgem como vetores nas matérias e são convocados a indicar diretrizes e orientações sobre como identificar ou intervir quando as demandas dos adolescentes fogem ao repertório pedagógico. Um ponto que merece destaque é que psicanalistas também aparecem neste lugar de indagação sobre as formas de ser e de estar dos estudantes na escola.

No levantamento realizado, os diagnósticos que aparecem associados à adolescência foram: Transtorno Desafiador de Oposição (TOD), Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Transtorno de Ansiedade e Depressão. Nesta direção, o material analisado não originou um debate sobre metodologias de aprendizagem ou à forma como o currículo escolar se apresenta para os estudantes no final do ensino fundamental ou no ensino médio. Assim, o laudo, enquanto um documento garantidor de direito à inclusão, não emerge como nas publicações relacionadas às séries iniciais da educação básica. Diagnósticos de autismo ou dislexia, por exemplo, não surgiram associados de modo específico a estudantes adolescentes.

A prevalência de respostas em ato por adolescentes, como autolesões no corpo e suicídio, surge como um ponto que promove impasses na condução dos docentes em sala de aula quando demandas desta natureza emergem na escola. Assim, a Nova Escola propõe em suas publicações que os docentes abram espaço na escola para que haja um espaço potencial de circulação da palavra e narrativas sobre as dificuldades enfrentadas pelos estudantes.

Através do estudo das publicações levantadas na presente pesquisa, foi possível identificar um movimento discursivo que emerge com certa regularidade: convite aos especialistas, enquanto veículo de informações sobre o que se passa na sala de aula; a demanda de propor diretrizes, prescrições e caminhos ao leitor/educador; a tensão entre

o conhecimento que é próprio do campo médico e psicológico e a produção de um saber do educador/leitor quando estes são convocados a lidar com os impasses na transmissão professor-aluno. Este contexto em que há um exercício de redução do saber, incluindo nesta equação o saber inconsciente, a um status supostamente objetivo ou a um veículo de informações não ocorre sem consequências (BASSOLS, 2015). Deste modo, a emergência de discursos, enquanto aparelhos de gozo, se acentua a partir do mal-estar derivado da redução do saber a um conhecimento objetificado que se produz à revelia dos sujeitos envolvidos. Por fim, o *impasse do sentido* sobre a experiência de estudantes adolescentes na contemporaneidade aparece como uma resposta a este contexto.

O primeiro ponto foi explorado a partir da emergência do Discurso Universitário em uma entrevista com uma psicanalista sobre a forma como o professor pode lidar com seus estudantes adolescentes. Considerando que o agente do discurso se apresentou como um saber, tomado na ocasião como universal sobre quem é o adolescente, e que o outro a quem é endereçado o discurso foi justamente o professor no lugar de objeto *a*, ou seja, ali o professor/leitor da revista ocupa o lugar de aluno no Discurso Universitário, o lugar no qual o saber sobre o que é o adolescente incide. No matema elaborado sobre este ponto, temos enquanto verdade, na parte latente do discurso, o significante que ordena justamente a singularidade na transmissão professor-aluno.

A proposição de diretrizes, prescrições e caminhos ao leitor/educador que acompanha a Nova Escola foi analisada a partir da engrenagem discursiva referente ao discurso do mestre, considerando como um movimento recorrente na revista de se posicionar após das indicações dos especialistas, de modo a “fazer com que as coisas andem”, sem que o sintoma se interponha no caminho. A perspectiva psicanalítica de sintoma abordada nesta questão, refere-se à lógica do mestre contemporâneo, este que toma o descompasso entre corpo e gozo como uma desordem, pressupondo que haveria um ordenamento adequado para os sujeitos. O que chamamos atenção, é que a dimensão singular do sintoma, tal como é compreendido pela psicanálise, demanda uma invenção particularizada. Neste sentido, o intento de indicar protocolos, ordenamentos e condutas aos professores falha, ocasionando o que nomeamos como “o enigma do adolescente” para o professor.

A tensão ocasionada pelo que se apresenta enquanto conhecimento médico e o saber do professor sobre a sua experiência de transmissão, foi explorada a partir de uma organização do discurso da histórica. Assim, foi possível identificar, como efeito desta tensão, a inflação de publicações da Nova Escola relacionadas a categorias diagnósticas

e aspectos relacionadas à saúde mental dos adolescentes. A diferença do estatuto de produção de informação pela área médica e produção de um saber do professor sobre a singularidade de sua transmissão também nos ajudou a aprofundar uma análise sobre a tensão referida. O discurso da histérica endereça a dúvida sobre seu sintoma, mas não cessa de destituir o saber apresentado pelo mestre. A emergência deste discurso para pensar a tensão que fica mais explícita na edição “O aluno por trás do Laudo” pode ser articulada à proposta lacaniana de que o discurso da histérica seria o que mais se aproxima de uma via interessante para a produção do conhecimento científico. Portanto seria possível inferir que a tensão entre a produção do conhecimento científico das especialidades e a produção de um saber do professor/ leitor poderia ser lida como uma importante via de avanço nesta questão.

Finalmente, *o impasse do sentido* associado às publicações da Nova Escola sobre a experiência adolescente na escola pôde ser articulado à engrenagem discursiva que opera no discurso capitalista, no qual desejo e necessidade se tornam justapostos. Considerando os efeitos desta modalidade de (des)enlace social concernente ao discurso capitalista, é possível inferir que a homogeneização dos impasses através de significantes dessubjetivados - próprios deste discurso que propõe que um mesmo objeto possa satisfazer a todos, sem um trabalho de particularização - pode ter uma importante relação com a falta de sentido do adolescente de nosso tempo.

Para além disso, a relação do discurso universitário com o discurso capitalista culmina em uma produção excessiva de significantes mestres, encontrados na linguagem médica e psicológica. Essa produção de significantes mestres, apontam para o modo como o discurso capitalista não promove espaços em que a palavra possa operar de modo ensinar algo sobre o sintoma de cada um e, eventualmente, de cada instituição.

Se faz necessário demarcar que a proposta de análise de discurso em Lacan trabalhada nesta pesquisa não visa a uma generalização dos discursos, mas uma exploração da emergência de discursos a partir de pontos tomados aqui como residuais. Deste modo, o caráter dinâmico dos giros e mudanças de posições dos agentes discursivos não permitiria uma fixidez das inferências trazidas, mas uma oportunidade de dar consequências ao percurso de incursão que foi feito na Nova Escola.

## REFERÊNCIAS

- AFLALO, Agnès. **O assassinato frustrado da psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro. Opção Lacaniana. Contracapa, Rio de Janeiro, 2012.
- AFLALO, Agnès. Discurso capitalista: o discurso da Peste. In: ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. **Scilicet: os objetos a na experiência psicanalítica**. Textos preparatórios para o VI Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, em Buenos Aires. Contracapa. Rio de Janeiro, 2012.
- ANSERMET, François. Psicanálise e medicina um elogio ao mal-entendido. **Opção Lacaniana**, Rio de Janeiro, n. 13, 2014.
- ANSERMET, François. Psicanálise e Ciência. **Revista Curinga**, Minas Gerais, n. 37, p. 23-39, 2013.
- BASTOS, Rogério Lustosa. **Psicanálise e pesquisa**. Rio de Janeiro, RJ: E-papers, 2009.
- BASSOLS I PUIG, M. O autoritarismo científico. In: **A psicanálise, a ciência, o real**. Opção lacaniana, vol. 11. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2015, p. 175-210.
- BARRETO, Francisco Paes; IANINI, Gilson. Introdução à psicopatologia lacaniana. In: TEIXEIRA, Antônio.; CALDAS, Heloísa. **Psicopatologia Lacaniana**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. Cap1, p. 35-55.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro , n. 19, p. 20-28, 2002 .
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientação quanto a documentos comprobatórios de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação no Censo Escolar**. Brasília, 2014.
- CAMARGO, Luis Fernando. O triunfo do Real. **Correio Express: Revista Eletrônica da Escola Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, 2020.
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 4 ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1995.
- CALHEIROS SANTOS, Kyssia Marcelle; ZANOTTI, Susane Vasconcelos. Adolescência e corpo: ideais contemporâneos? **POLÊM!CA**, v. 12, n. 4, p. 809-820, dez. 2013.
- CARTELLE, Javier Peteiro. **El autoritarismo científico**. Miguel Gomez Ediciones, Málaga, 2010.
- CARNEIRO, Cristiana. O estudo de casos múltiplos: estratégia de pesquisa em psicanálise e educação. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 314-321, 2018.
- COUTINHO, Gabriel et al. Concordância entre relato de pais e professores para sintomas de TDAH: resultados de uma amostra clínica brasileira. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 97-100, 2009.

COUTINHO; Luciana. Gageiro. **Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo**. Rio de Janeiro: NAU: FAPERJ, 2009.

COUTINHO, Luciana Gageiro; PISETTA, Maria Angélica Mello; Psicanálise e Educação nos limites da palavra. **Interação em Psicologia**, v. 18, n. 3, p. 365-371, 2014.

COUTINHO, Luciana Gageiro; POLI, Maria Cristina. Adolescência e o Ocupa Escola: retorno de uma questão? **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.

COUTINHO, Luciana Gageiro; SOUZA, Saulo Nunes de; OLIVEIRA, Bruna Osório. Encontros e desencontros entre adolescência e educação: relato de pesquisa-intervenção. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 341-352, 2012.

COUTINHO, Luciana Gageiro; CARNEIRO, Cristiana; SALGUEIRO, Larissa Magalhães. Vozes de crianças e adolescentes: o que dizem da escola? **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 22, n. 1, p. 185-193, 2018.

COUTINHO, Luciana Gageiro; CARNEIRO, Cristiana. Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: interlocuções entre a psicanálise e a educação. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 109-129, 2016.

COUTINHO, Luciana Gageiro; CARNEIRO, Cristiana. Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: o que dizem os especialistas? **Physis**, Rio de Janeiro, v. 28, n.4, 2018.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Formas de apresentação do sofrimento psíquico: alguns tipos clínicos no Brasil contemporâneo. **Rev. Mal-Estar e Subj.** Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 94-111, 2004.

DUNKER, Christian. Ingo. Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. 1. Ed. Bointempo, São Paulo, 2015.

DUNKER. Christian Ingo. Lenz. Crítica da razão diagnóstica: por uma psicopatologia não-toda. In. **Patologias do Social: Arqueologias do sofrimento psíquico**. 1 Ed. Autêntica, Belo Horizonte, 2018.

DUNKER, Christian Ingo.; PAULON, Clarisse Pimentel.; MILÁN-RAMOS, José Guillermo . **Análise Psicanalítica de Discursos: perspectivas lacanianas**. 2 ed. Estação das Letras e Cores: São Paulo, 2016.

FERNANDES, Ana Paula Amaral; DELL'AGLI, Betânia Alves Veiga; CIASCA, Sylvia Maria. O sentimento de vergonha em crianças e adolescentes com TDAH. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 333-344, 2014.

FREUD, Sigmund. **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**/ Sigmund Freud; Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)** / Sigmund Freud; Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros (1901-1905)/** Sigmund Freud; Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. O esclarecimento sexual das crianças (carta aberta ao Dr. M. Fürst) (1907). In. **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos.** Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Introdução a *The Pshyco- AnalyticMethod*, de Pfister (1913). In. **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos.** Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, v. 12. Reio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O interesse científico da psicanálise (1913). In. **Totem e Tabu e outros trabalhos.** Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar (1914). In. **Totem e Tabu e outros trabalhos.** Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do eu (1921). In. **Além de princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos.** Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Prefácio *A juventude desorientada*, de Airchhon (1925). In **O ego e o id e outros trabalhos.** Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927). In. **O futuro de uma Ilusão, Mal-estar na civilização e outros trabalhos.** Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Explicações, aplicações e orientações (1933).In. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos.** Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud, v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FRUTOS, Héctor García de. Psicopatología del niño em la era del custo a la cifra: antecedentes, paradojas y posibles respuestas. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** São Paulo, v. 22, n. 1, p. 38-53, 2019.

GOLDENBERG, Ricardo. Goza!: capitalismo, globalização e psicanálise. Salvador: Ágalma, 1997.

GUARIDO, Renata Lauretti; VOLTOLINI, Rinaldo. O que não tem remédio, remediado está? **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 239-263, 2009.

GUARIDO, Renata Lauretti. **“O que não tem remédio, remediado está”:** medicalização da vida e algumas implicações da presença do saber médico na educação. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

GUERRA, Andréa Máris Campos. Psicanálise e produção científica. In: **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade** / Neto, F. K; Moreira, J. O (Org.) Barbacena: Ed. UEMG, 2010.

GUERRA, Andréa Máris Campos. A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise: um estudo de caso. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 85-101, 2001.

KUREK, Agnieszka. **Virtualidade**. Textos preparatórios para o VIII Congresso da Associação Mundial de Psicanálise. Tradução GlacyGorski, Scriptum Livros, 2011.

LACADÉE, P. **O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência**. Tradução: Cássia Rumenos Guardado e Vera Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

LACAN, Jacques. (1996). O lugar da psicanálise na medicina In. **Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise** n.32, p. 8-14, Eolia, São Paulo, 2001.

LACAN, Jacques. (1996). O lugar da psicanálise na medicina In. **Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise** n.32, p. 8-14, Eolia, São Paulo, 2001.

LACAN, Jacques. **Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne**. Tradução: Vera Ribeiro. Revisão técnica: Romildo de Rêgo Barros. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Zahar, Rio de Janeiro, 1998.

LACAN, Jacques. (1954-1955). **O seminário. Livro 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

LACAN, Jacques. (1969-1970) **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1992.

LAURENT, Éric. O analista cidadão. **Revista Curinga**. Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, Belo horizonte, v.1, n.12, p.07-13, 1999.

LAURENT, Éric. Los traumatismos del saber. In: MILLER, Jacques- Alain. **De la infancia a la adolescencia**. 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2020.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2018.

LEGNANI, Viviane Neves; ALMEIDA, Sandra Fonseca Conte. Reflexões sobre a “epidemia” de depressão em adolescentes e jovens adultos à luz da relação entre psicanálise e política. **Revista FAEEDA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 60, p.42-53, 2020.

LERNER, Ana Beatriz Coutinho. **Consequências éticas da leitura psicanalítica dos Quatro Discursos para a Educação Inclusiva**. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LIJTINSTENS, Claudia. Los lazos, los cuerpos y las nuevas formas de satisfacción em los enredos de lo virtual. Cythère? Acontecimento del cuerpo, afectos y um real inesperado. **Revista da Rede Universitária Americana**, 2020.

LIMA, Nádía. Laguárdia. et al. Adolescência e saber no contexto da tecnologias digitais: há transmissão possível? **Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana**, vol.11, n. 21, pp.42-65, 2016

LOURES, Natália Raquel Pereira; FERNANDES, Paula Brant. A soberania da clínica: além do diagnóstico em psiquiatria e psicanálise. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 20, n.2, p. 279-295, 2015.

MANDIL, R. O mestre contemporâneo e o analista. **Revista Curinga**.v.1,n.47. Belo Horizonte, 2019.

MLLER, Jacques-Alain. Intuições Milanesas II. **Opção Lacaniana online**, v. 2, n.6, 2011.

MILLER, Jacques-Alain. **Em direção à adolescência**. In: Errâncias, adolescências e outras estações. In: CALDAS, H; BEMFICA, A; BOECHAT, C. (org.); Belo Horizonte: editora EBP, 2016.

NOVA ESCOLA. Por que a Nova Escola existe? Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4944/por-que-nova-escola-existe>. Acesso em 13 de maio de 2021.

NOVA ESCOLA. **Quem somos?** Disponível em: <https://novaescola.org.br/quem-somos>. Acesso em 28 de abril de 2021.

NUNES, Fábio Luís Santos. **Concepções pedagógicas de educação física na revista Nova Escola (1986-2010): da adesão à educação pelo movimento à adequação aos PCN's**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

PALOMBINI, Analice de Lima; ROCHA, Lorena Pinheiro. A clínica do Acompanhamento Terapêutico como pesquisa psicanalítica: uma escrita compartilhada entre vários. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 732-742, 2017.

PASSARINHO, José Guilherme Nogueira. **O DSM como ideologia: uma crítica ao Manual diagnóstico e a luta paradigmática em Saúde Mental**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2020.

PASSONE, Eric Ferdinando Kanai. Psicanálise e Educação: o Discursos Capitalista no campo educacional. **Educação Temática Digital**. Campinas, v. 15, n. 3, p.407-424, 2013.

PISETTA, Maria Angélica Mello. Medicalização e discurso universitário: Por uma Política de Cuidado e Escuta do Sujeito na Educação. **Movimento-Revista De educação**, v.7, n.5, p. 1-16, 2020.

QUINET, Antônio. **Os outros em Lacan**. Zahar. Rio de Janeiro, 2012.

RANGEL JUNIOR, Édison de Britto; LOOS, Helga. Escola e desenvolvimento psicossocial segundo percepções de jovens com TDAH. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 50, p. 373-382, 2011.

REVAH, Daniel. Escola e Nova Escola: faces de um velho sonho. **Hist. Educ.**, Santa Maria, v. 17, n. 39, p. 79-99, 2013.

ROCHA, Bárbara Trindade. **Cartas em revista: estratégias editoriais de difusão e legitimação da Nova Escola**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, Aline; KRIEGER, Fernanda Valle. Transtornos de humor na infância e na adolescência: uma atualização. **Revista Brasileira de Psicoterapias**, v 16, p 104-114, 2014.

SANTOS, Eliane Gomes dos; SADALA, Maria da Gloria Schwab. Alteridade e adolescência: uma contribuição da psicanálise para a educação. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 555-568, 2013.

SANTIAGO, Ana Lydia. O mal-estar na educação e a Conversação como metodologia de pesquisa intervenção na área de psicanálise e educação. In: Lucia Rabello de Castro; Vera Lopes Besset. (Org.). **Pesquisa-intervenção na infância e adolescência**. 1ª ed. Rio de Janeiro: NAU Editora Trarepa /FAPERJ, P. 113-131, 2008.

SAURET, Marie-Jean. **A Pesquisa Clínica em Psicanálise**. Psicol. USP, São Paulo, v.14, n. 3, p. 89-104, 2003.

STEFANINI, Jaqueline Rodrigues et al. Adolescentes com transtorno de déficit de atenção com hiperactividad y exposición a la violencia: opinión de los padres. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 6, p. 1090-1096, 2015.

STENZEL, Mirela; DARRIBA, Vinicius Anciães. O ato na adolescência como resposta à inconsistência do Outro. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** São Paulo, v. 14, n. 3, p. 472-484, 2011.

SILVA, Davi Cavalcante Roque da. Medicalização e controle na educação: o autismo como analisador das práticas inclusivas. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 41, p. 109- 117, 2015.

SCHMIDLEHNER, Michael. Franz; ALVES NETO, Francisco Raimundo. O avesso da aprendizagem. **Educação Temática Digital**. Campinas, v. 22, n. 1, p.181-20, 2020.

TAVARES, Pedro Heliodoro. Sobre a tradução do vocabulário *Trieb*. In.: FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos: edição bilíngue**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

VIGANÓ, Carlo. **Novas Conferências**. Org. Wellerson Alkmim. Scriptum Livros. Belo Horizonte, 2012.

VIOLA, Daniela Teixeira Dutra; VORCARO, Ângela Maria Resende. A adolescência em perspectiva: Um exame da variabilidade da passagem à idade adulta entre diferentes sociedades. **Psic.: Teor. e Pesq.** Brasília, v. 34, 2018.

VIOLA, Daniela. Teixeira. Dutra.; VORCARO, Ângela Maria Resende. 2015. O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. **Psicologia USP**, São Paulo, v.26, n.1, 62-70, 2015.

VOLTOLINI, Rinaldo. Do contrato pedagógico ao ato analítico: contribuições à discussão da questão do mal-estar na educação. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 6, n. 10, p. 101-111, 2001.

VOLTOLINI, Rinaldo. O conhecimento e o discurso do capitalista: a despsicologização do cotidiano social. **Estilos da Clínica**. São Paulo, v. 17, n. 1, p. 106-121, 2012.

YACOI, Alicia. Discurso do Analista. In: ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE PSICANÁLISE. **Scilicet: os objetos a na experiência psicanalítica**. Textos preparatórios para o VI Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, em Buenos Aires. Contracapa. Rio de Janeiro, 2012.

YELLATI, Néstor. El DSM y las epidemias diagnósticas. In: **La clínica de lo singular frente ala epidemia de lasclassificaciones: XXI Jornadas Anuales de la EOL**. 1 ed. Gama Ediciones, Buenos Aires, 2013.

**ANEXO 1**

## Levantamento de publicações da Revista Nova Escola

Ano	Título	Edição	Sessão	Autor(a)	Diagnóstico /laudo	Adolescência
Abril/2010	A importância do grupo para os jovens	Site		Ana Rita Martins	Não	Sim
Junho/2010	Adolescentes com os hormônios à flor da pele	Site		Ana Rita Martins	Não específica	Sim
Outubro/12	Por que dizer não à medicalização da Educação	Site		Elisa Meirelles, Marília de Lucca	TDAH	Não
Janeiro/2013	O que pensam os jovens sobre o Ensino Médio	Site		André Bernardo	Não	Sim
Agosto/2015	A nova onda de diagnósticos	Site		Catarina Iavelberg,	Transtorno Desafiador Opositor	Sim
Dezembro/2015	Menos sermão e mais diálogo com os adolescentes	288	Espaço de Convivência	Telma Vinha	Não específica	Sim
Setembro/2016	A hora de se afirmar na vida e na escola	04	Reportagens/ Psicologia	Ana Gonzaga	Não Específica	Sim
Maio/2017	Por que a Nova Escola Existe?	Site	Site	Institucional	Não ESPECÍFICA	
Junho/2017	Cutting: como lidar com uma criança que se automutila	Site	Comportamento	Laís Semis	Automutilação	Sim
Setembro/2017	Por trás do laudo existe um aluno	305	Matéria de capa	Wellington Soares, Pedro Annunziato e Patrick Cassimiro	Dislexia, Transtorno Desafiador Opositor, Transtorno de Déficit de Atenção	5º ano - 10 anos
Setembro/2017	As mudanças do corpo na puberdade	Site	Plano de Aula	Nova Escola	Não específica	Ensino Fundamental- Anos Finais

Setembro/2018	Suicídio: o que a escola pode fazer?	315	Matéria de capa	Pedro Anunciato + contribuições	Não	Sim
Setembro/2018	“Suicídio é uma forma desesperada de construir um sujeito”	315		Pedro Anunciato	Não	Sim
Fevereiro /2019	Déficit de Atenção: há um excesso de medicação	Site	Saúde Mental	Renata Ishida	Deficit de Atenção e hiperatividade	Sim
Maio/2019	Como está a saúde mental nas escolas?	322	Saiba	Tory Oliveira	depressão e déficit de atenção e hiperatividade	Sim
Julho/2019	Transtornos Alimentares e a busca pelo corpo ideal: como abordar esse tema na escola?	Site	Saúde	Ana Carolina D' Agostini	Transtornos alimentares	Sim
Agosto/2019	A escola que enfrentou o tabu do suicídio	324	site	Pedro Anunciato	Não especifica	Sim
Setembro/2019	A saúde mental na escola e a prevenção do suicídio		Site	Martha Maccaferri	Não especifica	Sim
Setembro/2019	8 mitos sobre o suicídio que pais e educadores precisam conhecer		Saúde Emocional	Ana Carolina D' Agostini	Não Especifica	Sim
Outubro/2019	O que é transtorno desafiador opositor	Site	Comportamento	Ana Carolina D' Agostini	TOD	Sim
Junho de 2020	“Não temos de dar conta de tudo porque algumas coisas não são para dar conta mesmo”	Site	Entrevista	Soraya Yoshida	Depressão e alcoolismo	Referência a professores